CUÉNTAME UN CUENTO



MIGUEL VITA DOS SANTOS, ARIADNE ARAÚJO, CARLOS RABELO, HELYANA MANSO, NÍLSON SOUZA, CELESTE BAUMANN, LUCAS NARANJO RODRÍGUEZ, CÁTIA PORTO, ANDRÉ ALBUQUERQUE, EDUARDO EMÍLIO MAURELL MÜLLER NETO, LUIZ CLAUDIO MACHADO DE SANTANA, ANTONIO COUTINHO

Ediciones Universidad Salamanca

Samba:
Ritmos, Vozes e Narrativas

Samba: Ritmos, Vozes e Narrativas

MIGUEL VITA DOS SANTOS, ARIADNE ARAÚJO, CARLOS RABELO, HELYANA MANSO, NÍLSON SOUZA, CELESTE BAUMANN, LUCAS NARANJO RODRÍGUEZ, CÁTIA PORTO, ANDRÉ ALBUQUERQUE, EDUARDO EMÍLIO MAURELL MÜLLER NETO, LUIZ CLAUDIO MACHADO DE SANTANA, ANTONIO COUTINHO

Ediciones Universidad Salamanca

BIBLIOTECA BRASIL, 25
Brasil de Cuentos, 3

© Ediciones Universidad de Salamanca
y los autores

Edición:
Elisa Tavares Duarte
y Esther Gambi Giménez

Diseño de cubierta:
© Gregory Betermann, 2026

1.ª edición: mayo 2026

ISBN: 978-84-1091-267-0 (PDF)

Ediciones Universidad de Salamanca
http://www.eusal.es
eus@usal.es

Hecho en España-Made in Spain

Maquetación:
Intergraf



Usted es libre de: Compartir — copiar y redistribuir el material en cualquier medio o formatoEdiciones Universidad de Salamanca no revocará mientras cumpla con los términos:

Reconocimiento — Debe reconocer adecuadamente la autoría, proporcionar un enlacea la licencia e indicar si se han realizado cambios. Puede hacerlo de cualquier manera razonable, pero no de una manera que sugiera que tiene el apoyo del licenciador o lo recibe por el uso que hace.

NoComercial — No puede utilizar el material para una finalidad comercial.

SinObraDerivada — Si remezcla, transforma o crea a partir del material, no puede difundir el material modificado.

Ediciones Universidad de Salamanca es miembro de la UNE

Unión de Editoriales Universitarias Españolas www.une.es

Obra sometida a proceso de evaluación mediante sistema de doble ciego

♠

Esta edición reúne los cuentos seleccionados en el VI concurso de relato breve "Cuéntame un cuento", del Centro de Estudios Brasileños (CEB) de la Universidad de Salamanca (USAL).

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO
Elisa Tavares Duarte 6

UMA TRADIÇÃO MUITO ORAL DO SAMBA NO SUBÚRBIO CARIOCA
Miguel Vita dos Santos 11

POMBAGIRA NA AVENIDA
Ariadne Araújo 22

O DESTINO DE NELSON
Carlos Rabelo 28

O SURDO
Helyana Manso 38

ONOMATOPEIA
Nílson Souza 46

A SÍNCOPE E O PANDEIRO
Celeste Baumann 52

SAUDADE
Lucas Naranjo Rodríguez 59

A MULHER-LUA, O BÊBADO E O MAR
Cátia Porto 70

TERÇA-FEIRA DE CINZAS
André Albuquerque 81

A HISTÓRIA DE UM VIOLÃO TRISTE
Eduardo Emílio Maurell Müller Neto 88

VAI COMO PODE, PORTELA
Luiz Claudio Machado de Santana 95

NÉVOAS DA ALEGRIA
Antonio Coutinho 101

APRESENTAÇÃO

Há algo no samba que insiste em sobreviver. Não apenas como música, não apenas como dança, não apenas como espetáculo — mas como linguagem do corpo, da memória e da história. O samba atravessa o Brasil como sangue em suas veias, pulsando no corpo do país e alimentando-o por dentro. Ele ecoava, primeiro, nos terreiros, nas esquinas, depois nos salões antigos, e nas quadras das escolas, e nos grandes desfiles televisionados. O samba é festa e é denúncia. É celebração e é cicatriz. É resistência e é reinvenção constante. Este livro nasce dessa cultura viva.

Os doze contos aqui reunidos foram selecionados no concurso de contos "*Cuéntame un cuento*", do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Salamanca, cujo tema foi o samba brasileiro. O concurso recebeu quase 600 textos — um número que por si só já revela a força simbólica do samba como matéria literária. Entre centenas de narrativas, memórias ficcionalizadas, experimentações poéticas e reconstruções históricas, foram escolhidos doze contos que, cada um à sua maneira, dialogam com o samba não apenas como cenário, mas como estrutura profunda de experiência.

A publicação deste livro, em formato digital e em acesso aberto, por Ediciones Universidad de Salamanca, reforça o compromisso com a circulação ampla da cultura brasileira e o diálogo entre literatura e música. O samba, que sempre foi coletivo, encontra aqui outra roda — a roda da leitura — aberta a todos.

Para compreender o que está em jogo nestas narrativas, é preciso lembrar que o samba não é um gênero único, homogêneo, fixo. Ele nasce da diáspora africana, dos encontros forçados e das recriações culturais que marcaram a formação do Brasil. No Recôncavo Baiano, o samba de roda já reunia canto, dança circular e percussão em celebrações comunitárias, muitas vezes conduzidas por mulheres negras que mantiveram vivas tradições rítmicas e corporais herdadas de seus ancestrais. Mais tarde, no início do século XX, o samba urbano se consolidaria no Rio de Janeiro, nas casas das tias baianas, nas festas populares, nas rodas improvisadas que a polícia muitas vezes reprimia.

O samba que hoje é símbolo nacional já foi marginalizado. O que hoje é cartão-postal do Carnaval já foi considerado prática suspeita. O samba carregou, e ainda carrega, marcas de classe e território. Sua história está profundamente ligada às periferias urbanas, às comunidades negras, aos trabalhadores informais, aos migrantes que reinventaram o Brasil nas cidades. Ao mesmo tempo, o samba se tornou referência identitária nacional, patrimônio cultural, linguagem que atravessa fronteiras.

Com o tempo, desdobrou-se em múltiplas formas. O samba de roda preserva a ancestralidade e o gesto circular da comunidade. O partido-alto valoriza o improviso e o diálogo entre vozes. O samba-enredo transforma história em espetáculo, convertendo narrativas coletivas em desfile coreografado. O samba-canção investe na introspeção, no lirismo amoroso e na melodia lenta. O pagode, surgido das rodas urbanas, traz leveza e proximidade. O samba-jazz, o samba-rock, o sambalanço mostram a capacidade do gênero de dialogar com outras sonoridades e reinventar-se. Essa diversidade aparece, de modo direto ou simbólico, nos contos selecionados.

Alguns textos mergulham no universo das escolas de samba — seus bastidores, seus conflitos internos, suas disputas políticas, seus momentos de glória e de tensão. Outros se concentram na experiência íntima do Carnaval: a criança que observa o desfile da praça da cidade pequena, o jovem que se descobre no corpo em movimento, o sujeito que encontra na música uma forma de existir quando tudo ao redor parece ruir.

Há narrativas que recuperam episódios históricos e outras que exploram a dimensão alegórica do samba, transformando-o em metáfora de identidade, de perda, de desejo, de memória familiar.

Em vários contos, o samba aparece como contraponto à dureza da vida cotidiana. Ele não elimina o sofrimento, mas o atravessa. Em vez de apagar as feridas sociais — pobreza, abandono, desigualdade, violência — ele as incorpora, transformando-as em canto, em ritmo, em desfile. O samba é, nesses textos, um modo de suportar o peso do mundo. É o que resta quando o silêncio não basta.

Há também nos contos uma percepção aguda de que o samba é corpo. Corpo que dança, corpo que trabalha, corpo que sofre, corpo que se exibe, corpo que resiste. A bateria não é apenas som: é pulsação. O surdo marca o chão. A cuíca rasga o ar. A passista se equilibra nos saltos como quem desafia a gravidade das circunstâncias. O mestre-sala e a porta-bandeira giram como se desenhassem no espaço a memória de uma comunidade inteira.

Mas o samba não se limita ao espetáculo. Ele é também espaço de intimidade. Muitas das narrativas aqui reunidas aproximam o samba da vida doméstica, da família, da infância, das ausências paternas, das mães que vestem fantasias para sustentar a alegria dos filhos, dos homens que se perdem entre a festa e a fuga. O Carnaval, nesses casos, não é apenas celebração pública; é espelho das contradições privadas.

A leitura desses doze contos impressiona pela variedade de perspectivas. Há textos de forte densidade poética, quase em fluxo contínuo de memória e imagem. Há narrativas de construção clássica, centradas em conflito e desfecho. Há histórias atravessadas pelo humor e outras marcadas por um lirismo melancólico. Há quem explore o samba como mito, quem o trate como documento social e quem o transforme em alegoria existencial.

Essa pluralidade corresponde à própria natureza do samba. Não existe um único samba, assim como não existe uma única forma de narrar o Brasil. O samba é múltiplo porque nasce do encontro. E a literatura, quando se deixa atravessar por ele, também se torna múltipla.

Ao selecionar os doze contos deste volume, buscou-se não apenas a qualidade estética, mas também a capacidade de cada texto de dialogar com essa complexidade. Não se trata de oferecer um retrato definitivo do samba — isso seria impossível —, mas de apresentar um conjunto de vozes que, juntas, sugerem a vastidão de seu território simbólico.

Publicar este livro em formato digital e de acesso aberto significa, ainda, ampliar a roda. O samba sempre foi partilha: partilha de canto, de passo, de espaço. Tornar estas narrativas acessíveis é prolongar essa lógica de circulação e encontro. O leitor e a leitora que abrem estas páginas entram, de certo modo, numa quadra, numa praça, numa rua fechada para o desfile.

Entram também numa memória, numa casa, numa história familiar. Talvez seja essa a maior potência do samba — e da literatura que dele se alimenta: criar comunidade. Mesmo quando fala de solidão, ele fala a partir de um ritmo comum. Mesmo quando expõe feridas, ele o faz sob o compasso de uma batida compartilhada.

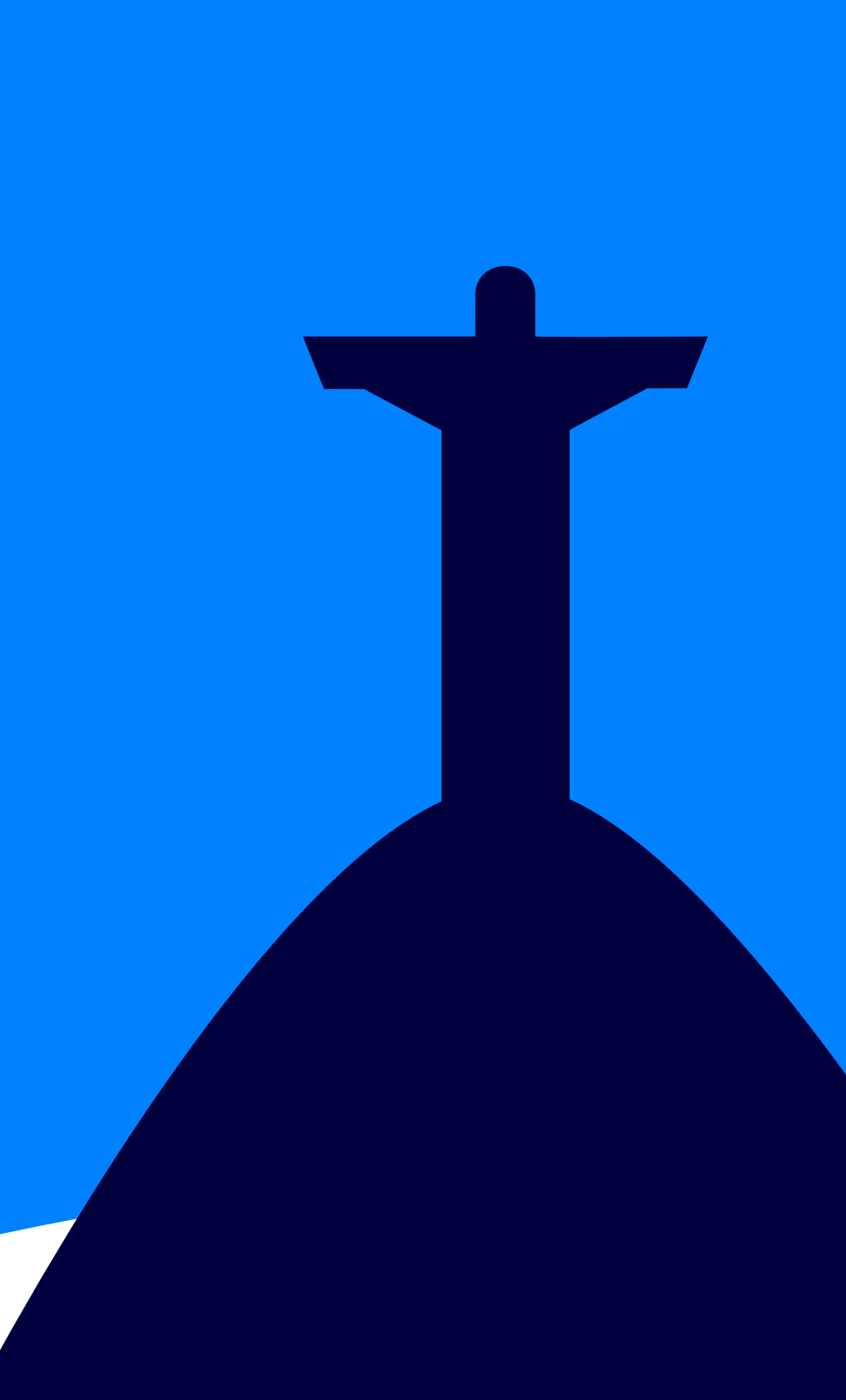
Se o samba é movimento, estes contos também o são. Eles giram entre passado e presente, entre festa e ressaca, entre o brilho eo cinza. Mostram que a Quarta-Feira de Cinzas não anula a memória da terça. Mostram que a dor pode coexistir com o estandarte. Mostram que a alegria não é ingenuidade, mas escolha — às vezes provisória, às vezes resistente.

Que este livro seja lido como se escuta uma bateria afinando antes do desfile: atento às nuances, às vozes que se cruzam, aos silêncios entre um compasso e outro. Que cada leitor encontre aqui um eco — seja da infância, da rua, da escola de samba, da família, da própria experiência de viver num país onde o samba é, ao mesmo tempo, memória, invenção e promessa.

Porque o samba continua. E enquanto continuar, continuará também a produzir histórias.

P.S.: Enquanto escrevo estas linhas, *Ainda Estou Aqui*, de Walter Salles, acaba de conquistar o Oscar de Melhor Filme Internacional na 97.ª edição do Prêmio da Academia, em 2025.

Elisa Tavares Duarte



UMA TRADIÇÃO MUITO ORAL DO SAMBA NO SUBÚRBIO CARIOCA

Miguel Vita dos Santos

Na madrugada em que Gogó adentrou sua casinha no bairro de Ramos, batendo a porta atrás de si violentamente, Tetê estava deitada na cama de barriga para cima, com um filho sob a guarda de cada braço e um samba na ponta da língua. Estava sonhando com a vez do selinho de Beth Carvalho, que a muniu de um poder imenso, sob a sombra da frondosa copa do tamarindeiro do Cacique. Aquilo acontecera há tantos anos, em uma época em que a aparência de Tetê era o critério decisivo de sua vida, em que suas curvas e volumes eram todo charme e colírio, não marcas de guerra de uma mãe de duas crianças. O dom concedido a ela naquele beijo era uma relíquia de juventude escondida a sete chaves. Era a ferida, a cicatriz fechada e a cicatriz aberta de toda a sua vida, mas era, então, muito nova para ter ciência de certas coisas.

— Nega, acorda — resmungou o marido, bêbado — preciso de um favor.

Tornara-se aquilo: um homem mendicante de favores. Favores pedia à mulher, às amantes, aos colegas do Varandão Gostoso, ao pai de santo, à Dona Alzira e, como viria a saber a mulher, a Tony Mãozinha. Raramente assumia responsabilidades para si que se esticassem para muito além do braço de seu violão de sete cordas. Não queria saber de contas, de dívidas ou filhos; sua atenção não se sustentava em qualquer coisa diferente de uma lata de cerveja ou um rabo de saia. Foi assim desde sempre e Tetê o conheceu já nesse estado, mas a infalibilidade

de um amor vagabundo raptou-a de sua consciência. Foi assim que Teresa Maria de Jesus da Silva havia se juntado a José Adenildo Pereira há sete anos. Os frutos dessa colaboração eram dois filhos, um terceiro a caminho, e uma extensa leva de sambas sussurrados pelos lábios de Tetê, pelos quais Gogó levava todo o crédito. Era de um favor daquela natureza que o marido precisava e era imprescindível que a mulher o realizasse.

Aconteceu que ao entardecer do sábado que se findara, o calor era sufocante no Bar da Portuguesa, reduto muito tradicional do samba no subúrbio de Ramos, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. A portuguesa Alzira, que gerenciava toda a operação do bar, carregava um sorriso de orelha a orelha, pois o clima indigesto combinado à roda de samba chamada Varandão Gostoso, da qual Gogó era violonista, induzia ao consumo de centenas de litros de cerveja por parte dos clientes. O evento se repetia todo sábado e era um trunfo nas mãos de Alzira, vide que Ramos não possuía muitas alternativas de entretenimento para as tardes de sábado. Assim, aglomeravam-se na esquina cerca de cento e cinquenta pessoas para beber e cantar grandes sucessos que iam de Bezerra da Silva a Arlindo Cruz. Gogó tocava seu instrumento e, às vezes, cantava com a galera, mas invariavelmente bebia. E bebeu demais naquele sábado específico.

A morena ia e voltava no meio da roda, fazia da saia uma cauda de cometa. Outras, mais tímidas, se arriscavam em seus respectivos espaços. Os olhos de Gogó não viam nada disso, pois já estavam cerrados como portas de correr de ferro após o horário do expediente. Se seus dedos surravam as cordas corretamente, era mais por instinto que por razão. Os colegas da roda cobriam limitadamente o papel de vocalistas, uma vez que Gogó apenas balbuciava as letras, não mais cantava como era próprio que fizesse. Edinho, no pandeiro, olhava para o Bravo, na cuíca; este fitava Cezar Pretinho, no cavaquinho, que por sua vez encarava os demais integrantes para que, cada um no exercício de seu instrumento, balançasse a cabeça em reprovação. Até que um homem, um branco de bigodão e barriga veterana de cerveja, levantou-se de sua mesa não tão distante da roda e deu um tapa na cara do violonista bêbado, que finalmente abriu os olhos para não perder jamais da vista aquele afrontador.

— Tu vai morrer com a cara cheia de tiro! — Gogó jurou.

O Varandão Gostoso interrompeu sua atividade. Homens, entre eles clientes, colegas e funcionários do bar, separaram a briga que se desenhava. "Deixa disso", ouviu-se dizer. "Quanta besteira, aqui é só família", alguém disse. O bêbado resmungou:

— E daí? Eu mato pai, irmão... a puta que nos pariu!

— Te liga, ô teu merda! — gritou o agressor, do outro lado da barreira de homens.

— Tem que tá muito fodido de bêbado pra jurar delegado de morte.

Depois foi embora e, com ele, a festa também. A esquina esvaziou-se depressa, bem como as mesas do bar. A cuíca roncou sozinha para fazer piada da alegria minguante. De repente, eram ali apenas Alzira, seus filhos, funcionários, a banda do Varandão Gostoso e uns poucos curiosos. Após levar uma bronca da portuguesa que ficou desesperada com o desentendimento, Gogó recolheu-se muito indignado em um canto e ficou falando sozinho. Alguns minutos depois, começou a olhar os rostos ao seu redor e enxergou um velho amigo, dos tempos de soltar pipa, entre os sujeitos remanescentes: Tony Mãozinha. Foi tecer com ele uma cadeia de favores.

Após um instante inicial de consolação, Gogó disse que realmente queria o delegado morto. Mãozinha, que ganhou esse apelido devido a um acidente com o cerol de uma rabiola que lhe decepou dois dedos da mão, encorajou-o. Mas o bêbado não tinha nem coragem nem habilidade suficiente para executar suas intenções, então indagou Tony se não faria aquele favor. Daí surgiu a seguinte proposta: o amigo estava interessado em Divina Luz, a morena que era embalada pelo cavaquinho dentro da roda de samba, e queria impressioná-la. Era tido que Gogó levava jeito com composição e vivia a vida, para além dos eventos do Varandão Gostoso, vendendo suas letras e canções para alguns artistas de seu meio. Sem desconfiar que quem compunha, de fato, era Tetê, Tony Mãozinha encomendou um samba de amor dele para Divina Luz. Se Gogó o ajudasse a conquistar a morena da roda, ele arranjaria um vizinho criminoso no Complexo do Alemão que desse cabo do delegado para a satisfação do bêbado. Beberam mais um pouco, brindaram às

suas ambições e apertaram as mãos. Mais tarde, José Adenildo Pereira foi para casa acordar sua esposa.

Tetê nutria sentimentos ambíguos com relação àquele tratado. Estava, sim, com raiva pela humilhação submetida ao marido, mas não a ponto de achar que assassinar um delegado de polícia fosse resolver qualquer conflito. Disse ao marido para deixar daquilo, que era muito perigoso. Gogó deu de ombros, pois estava cego. Tetê, então, recomendou ao marido que discutissem novamente pela manhã, assim ambos teriam certeza do que fazer. O homem tombou feito um muro na cama e, quando acordou, não havia mudado de ideia. De qualquer modo, Tetê havia passado a noite inteira com o samba requerido vibrando em sua cabeça, batucando seus dedos, assobiando seus lábios. Antes de sequer passar o café, mostrou-o a Gogó.

— É bem moroso — comentou ele, ora coçando o queixo, ora pressionando a testa. — Tu acha que a Divina Luz vai gostar?

— Eu tava com ele na cabeça enquanto dormia antes de você chegar ontem — confessou Tetê. — Esse aqui é o samba da morena da roda e nunca vai ter outro.

Gogó contentou-se com a resposta. Tetê certamente sabia mais do que ele quando se tratava de composição. Aprendeu tudo como em um encanto, pois de fato era um encanto. Uma magia lançada sobre seus lábios quando a magnífica Beth Carvalho, após uma apresentação ao lado de Zeca e Arlindo sob o tamarindeiro do Cacique de Ramos, em Olaria, tomou Tetê pela mão. Disse que sentia algo especial naquela serelepe jovem que apenas recolhia cadeiras e desmontava as mesas onde sentaram os mestres do samba. Disse que ela faria grandes composições. Tetê olhava para Beth com uma mistura de confusão e admiração.

— Mas não sei compor — disse. Beth deu-lhe um selinho.

— Agora sabe.

Agora, tantos anos depois, Gogó montava os arranjos e cifras do samba feito especialmente para o favor de Tony Mãozinha. A semana inteira bateu cabeça procurando os acordes exatos, a levada precisa para a melodia sugerida por Tetê. No sábado seguinte, o Varandão apresentou-se novamente e, mais uma

vez, Divina Luz jogou seu charme para todo o povo à sua volta. Na ausência do delegado, o temor de tragédia se desfez no ar e todo mundo sambou e cantou como quis. Gogó se conteve na bebedeira, pois queria fazer uma performance digna do samba encomendado. Assim, em meio à apresentação, anunciou no microfone a homenagem de "um homem apaixonado" à Divina Luz e pôs-se a dar vida à canção, sendo acompanhado posteriormente pelos colegas do grupo, tudo no sapatinho. A morena da roda parecia maravilhada com a homenagem e acompanhou a morosidade da canção com seus pés incansáveis e um sorriso no rosto. Ao fim da noite, Tony foi dar uma palavrinha com Gogó. Divina Luz rejeitou o cortejo, achou a canção muito lenta para seu ritmo de vida. Tetê equivocou-se e agora Mãozinha se negava em ajudar o conhecido a arranjar quem matasse o delegado para ele. Para se desculpar, no entanto, teve a decência de arrumar uma arma com um traficante do Alemão e entregou-a a Gogó. Se o violonista quisesse o delegado morto, que o fizesse ele mesmo.

José Adenildo Pereira viveu a semana mais perturbada de sua vida. Ficava repassando a questão do delegado em seu cérebro de noz, tentando descobrir como proceder. Procurou por um ou outro conhecido, mas só ouviu recusas ao serviço: ninguém estava disposto a assassinar um delegado de polícia para vingar uma briga tão estúpida. Todos os dias Tetê se deparava com o marido bêbado em casa, oferecendo cerveja da garrafa até para Zezinho, o filho mais velho, de apenas 6 anos. Ela dizia a ele para esquecer a questão, que autoridades podem cometer abusos. Queria porque queria colocar na cabeça de Gogó que às vezes o ser humano precisa entender que é apenas uma formiga que precisa ser esmagada, mas não sabia dizê-lo em palavras mais delicadas. Na quarta-feira, um telefonema de Pretinho para um informe: o tal delegado comentou com um conhecido de Alzira que compareceria ao Bar da Portuguesa no sábado vindouro. Aquilo agitou o coração já muito tempestuoso do violonista. Tetê, desesperada com o desregramento do marido, rezava pela intercessão da Virgem Maria ao mesmo tempo que fazia promessa para Oxalá de subir de joelhos a escadaria da igreja da Penha. No sábado de manhã, após uma semana de

bebedeira incansável e ressaca perpétua, Gogó cutucou o ombro da esposa que ainda dormia e disse:

— Deixa pra lá, não fui feito para matar ninguém.

Levantou-se e, naquele sábado, a pistola emprestada permaneceu em cima do guarda-roupa.

Teresa observou o marido aquela manhã como um porco observa uma capivara. Estava estranho. Um tanto quanto sério, um tanto quanto inquieto, Gogó separava instrumento e caixa de som para quando a Kombi da banda passasse para apanhá-lo. Apesar de seu aspecto, a capivara não agia como se houvesse onça por perto. Dentro de si, a mulher tentava imaginar o que levou o marido a declinar de suas intenções vingativas. Medo? Covardia? Sapiência? Intuição? Tudo isso e mais um pouco, provavelmente. De qualquer modo, admirou-o por hesitar em tomar um caminho sem volta, que o separaria dela e das crianças. Antes que ele subisse a Kombi, Tetê correu à calçada com metade da barriga estufada desnuda e, com um beijo, transmitiu todo o encanto de seus lábios ao esposo. Os colegas de banda vibraram, Gogó deu um sorriso e o carro seguiu em frente.

O Varandão Gostoso proporcionou, naquele sábado, uma performance excepcional. O bar estava mais uma vez transbordando de pessoas das mais variadas idades, o calor era intenso e a cantoria reinava soberana. Pergunte a qualquer um dos que estavam ali presentes e ele lhe dirá que foi um dia inesquecível. Sem dúvidas, o foi. A começar pelo fato de que Gogó estava completamente sóbrio, o que impediu o comprometimento da voz principal do grupo. Além disso, os instrumentos estavam muito bem tocados, nada os abafava, nem mesmo a cantoria. Por fim, mas não menos importante, o clima era o mais festeiro possível.

Em determinado momento de euforia, Gogó chegava a sentir seus lábios formigando. O flautista convidado executava a melodia de *Faixa Amarela*, quando o violonista percebeu que cantarolava um outro samba, um que jamais ouvira. Soube naquele exato momento que aquele era um samba inédito e um dos sambas mais importantes do mundo: um samba verdadeiramente seu. O formigamento se agravava, então o homem se

levantou, encostou o violão na parede e dirigiu-se ao balcão. Erro fatal.

Embora longe de sua vista, o delegado já estava presente na festa. Acompanhavam-no dois amigos, também policiais, que haviam apostado com ele duas semanas antes, apenas pelo pecado de jogar papo fora, que não seria capaz de matar alguém como o violonista, nem num acesso de fúria. A testosterona falou mais alto e ele sugeriu:

— Aquele bêbado eu mato. Se eu vejo ele tomando um gole que seja durante a apresentação, eu mato. Vai estragar a festa dos outros na casa do caralho.

Quando os dois companheiros do delegado avistaram Gogó no balcão, começaram a pressionar a autoridade. A princípio, o delegado fez vista grossa, disse que o violonista havia se comportado até então e que podia estar pedindo um copo d'água da casa. Bastou, no entanto, que começassem a questionar sua palavra e virilidade para que o policial se fizesse homem, se erguesse de seu conforto e marchasse rumo ao dever. Os colegas duvidaram até o último segundo. Quando a caneca chegou, o colarinho de dois dedos sobre o líquido amarelado, Gogó virou-a para aliviar a inquietação dos lábios. Foi o último beijo que deu em vida, com todo o seu amor às leveduras, ao samba e à embriaguez dos prazeres.

A bala cantou, o povo correu, a festa acabou, e a roda girou mais uma vez. Quando Tetê chegou ao Bar da Portuguesa e deparou-se com o corpo sem vida do marido largado ao chão perto do balcão, ela desandou a amaldiçoar a tudo e a todos. A caneca quicou vinte e seis vezes no chão, sofreu um lasco minúsculo no fundo e permaneceu ao lado do corpo até que as autoridades responsáveis o levaram do local do crime. Das cento e setenta e seis pessoas presentes, quarenta e uma foram convidadas a prestar depoimento, inclusive toda a banda e colaboradores do bar. Ninguém tinha pista alguma do sujeito que efetuou o disparo.

Meses se passaram e a vida seguiu sob o peso de muita dor para o coração e o corpo de Tetê. Havia dado à luz uma nova criança, uma menina que tinha o mesmíssimo pé direito do marido morto. Seu salário de inspetora no colégio municipal

não permitia que sustentasse uma vida decente aos três filhos. Com isso, recorria constantemente aos socorros da mãe aposentada e da irmã mesquinha. Os meninos perguntavam do pai vez ou outra, pois lhes custava entender o que era a morte de um corpo.

Uma noite, porém, havia acabado de chegar do expediente e a campainha tocou. Foi à porta e, para sua surpresa, era Alzira. Convidou-a para entrar e pediu que não reparasse na confusão que era a sala de estar. A portuguesa acomodou-se no sofá, tentando se esgueirar da sujeira, e repousou uma bolsa no colo. Então, explicou o porquê da visita.

De domingo a domingo, invariavelmente, é sempre a dona do bar quem fecha o estabelecimento. Desde o incidente envolvendo Gogó e o delegado, algo misterioso se repetia todos os dias. Com as portas de correr arreadas e o estabelecimento fechado, o esperado era que reinasse o silêncio. Entretanto, um sussurro melódico perturbador se sustentava. Não só ela percebeu, como também os filhos, os ajudantes na cozinha, garçons e garçonetes. Mandou chamar um padre, que aspergiu água benta sobre todo o estabelecimento, mas o sussurro persistia entre as preces do ordenado. A portuguesa deu ordem explícita de que ninguém falasse daquilo com os clientes, pois os afastaria novamente do ambiente, a princípio, amaldiçoado por uma tragédia.

A questão revelou-se integralmente, porém, quando a própria portuguesa tomou para si a responsabilidade de lavar a louça do bar. Sozinha, à meia luz, rezava um pai-nosso e três ave-marias durante o serviço. Percebeu que o sussurro não estava longe.

— Ó, cara de caralho, revela-te logo, gajo badalhoco! — exigia para o nada.

Então, um lampejo de intuição. Guiou-se pelo ouvido para descobrir de onde saía aquele sussurro. Subiu bancos para encostar a cabeça nos armários superiores e agachou-se para ouvir gavetas. Em panelas e frigideiras, em pratos e talheres, não o encontrava. Então, entre tantas canecas em um armário, encontrou o sussurro saindo de uma peça com o fundo enfeitado por uma lasca minúscula. Entregou-a, pois, a Tetê.

— Foi aqui que o teu marido deu o último gole.

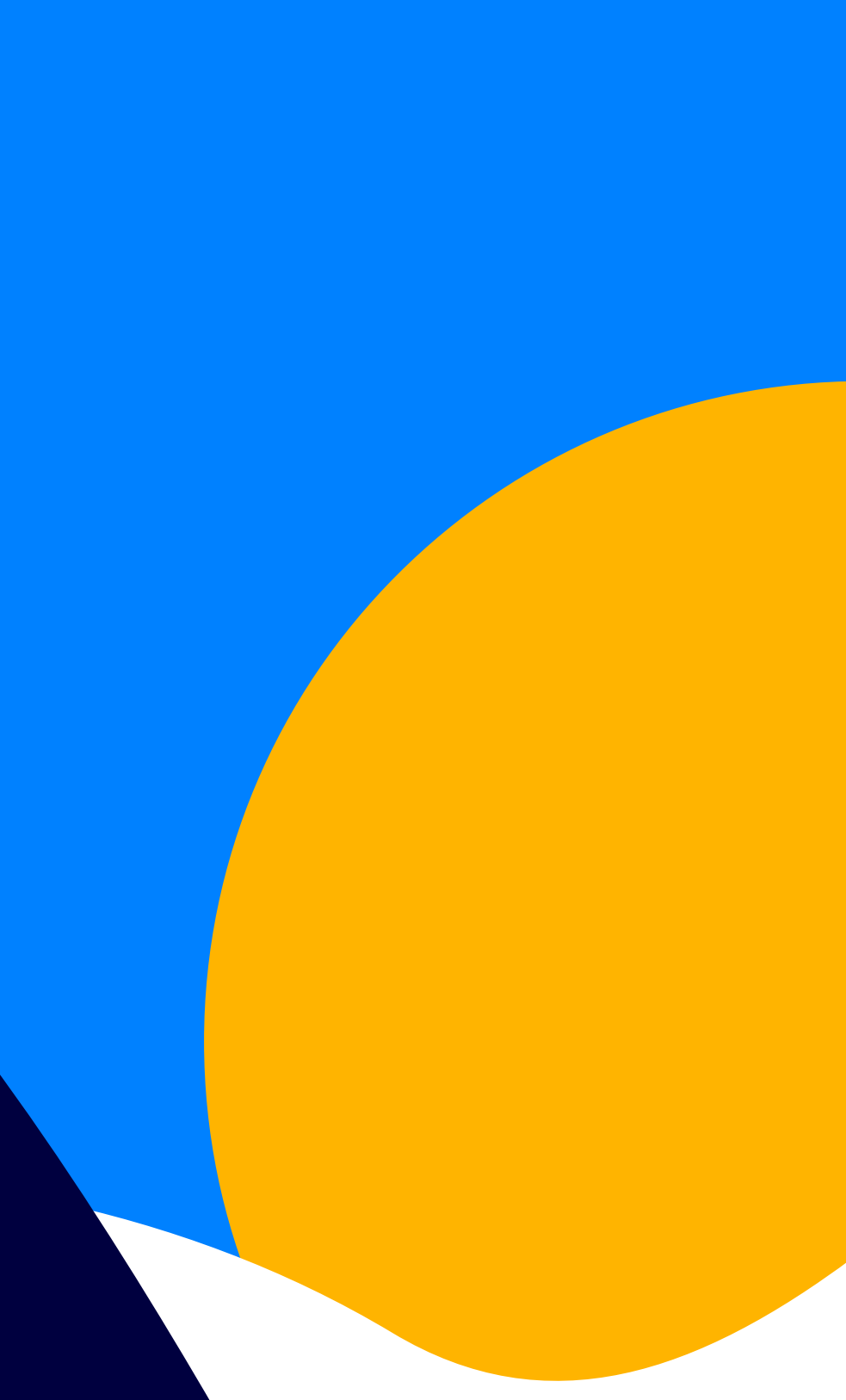
Teresa Maria de Jesus da Silva passou a noite inteira sentada no sofá a meio metro da caneca, que ficou em cima da mesa de café. Era o fantasma de seu marido? Se estava sussurrando, era melhor verificar o que ele dizia. Levantou-se, pegou a caneca pela alça, encostou a borda no ouvido e se deu ao prazer de escutar um belíssimo samba sussurrado na voz do amado fantasma.

Desde o dia da tragédia, o samba nunca mais havia feito estadia naquela casa. Nem ela, nem os filhos, nem a mãe, nem a irmã davam brecha para aquela visita. Seus lábios, que por tantos anos geriram novos sambas, haviam perdido o encanto. Mesmo assim, quando tudo parecia acabado naquela relação e o samba banido de vez de sua vida, seu relento e sua dor, ele retornava em grande estilo. Com o tempo, descobriu que utilidade dar à caneca.

Os vizinhos interpretaram-na muito mal quando observaram, de longe, homens variados entrando na casa de Tetê. Pior ainda quando, pouco tempo depois, aparecia com conquistas materiais improváveis para uma mera inspetora de colégio da rede municipal do Rio de Janeiro. Assistiram, com desconfiança e inveja, a ela reformar a casa, adquirir um carro e colocar os filhos em escola particular. Depois, morderam-se revoltados quando ela abandonou o emprego e passou a ficar em casa em tempo integral. Tornou-se, entre os populares, a viúva prostituta de Ramos. Entretanto, quem vivia do samba sabia muito bem a origem daquela bonança.

A preços altíssimos passou a vender quinze minutos com a caneca que sussurrava sambas para quem quer que estivesse interessado. Uma nova geração suburbana de supostos compositores surgiu e um fazia mais sucesso que o outro. Depois, recebeu visitas ilustres de grandes veteranos, tais como Jorge Aragão e Mart'nália, e elas lhe renderam muita fama. Dizia-se internamente que o prefeito Eduardo Paes tinha interesse em tombar a caneca e toda aquela casa como patrimônio cultural da cidade do Rio de Janeiro. Foi impedido apenas pelo desejo de discrição de Tetê. Outro boato, esse bastante recente, é que Gabriel Coelho, Luiz Brinquinho e os demais compositores do

samba-enredo da Imperatriz Leopoldinense, campeão do carnaval 2023, teriam se encontrado com Tetê e oferecido uma fortuna pela composição. De qualquer modo, tornou-se indubitável a tradição muito oral do samba no subúrbio carioca.



POMBAGIRA NA AVENIDA

Ariadne Araújo

O desfile ainda não tinha começado quando surgiram os primeiros sintomas. No início, foi um estalo na cabeça que coincidiu com o ritmo da primeira pancada do surdo. Bum, bum, bum. E, na vibração do som, milhares de contas coloridas e lantejoulas se soltaram de uma vez só e caíram com a força da gravidade da noite carioca, salpicando de brilhos o betume molhado da Sapucaí. Selma tateou com as pontas dos dedos as pedrarias do adereço: sim, tudo ainda no lugar e bem amarrado aos fios negros trançados com óleo de coco, alisados pelo ferro quente e domesticados pelos severos puxões de escova até obterem a consistência da penugem de um bebê. Viu a chuva através dos volumosos tufos do cílio postiço, cortinas plásticas negras a abrirem e fecharem nas piscadas dos olhos. Conferiu a pesada fantasia de plumas e paetês, as luvas encarnadas, os saltos altíssimos tipo plataforma, afiados para rodopiar e sambar endiabrada na avenida — tudo impecável.

No entanto, tinha a convicção de que algo se passava. Ou se preparava. Ou se anunciava. Como nos dias em que ela via amanhecer um sol esplêndido e, da janela, muito longe, nos campos de uma cidade vizinha, uma nuvem azul de chuva prometia gotas na sua manhã ensolarada. Nesse caso, ela não saberia dizer o que era. O corpo tremia, atravessado por correntes elétricas que descarregavam choques pelos braços, pela cabeça, pelas pernas, provocando-lhe suores frios. Náuseas, não sentia. Mas, nas costas, era a dor insuportável do ferro da

estrutura metálica, duas pontas agudas, como asas, a perfurarem a carne, já ligadas e calcificadas nos ossos das costelas. Como um pássaro, sentia que se levantasse e abrisse os braços e, ao mesmo tempo, projetasse com força as pernas, poderia alçar um voo, levantando todo o peso da carga. Um amálgama de plumagem, tecidos, brilhos, metais, peles, cabelos, ossos. E do alto, observaria a efervescência de sua escola de coração. De cima, verificaria que as baianas, com suas saias rendadas e cestas de frutas nas cabeças, "estão maravilhosas". A comissão-de-frente, com seus bailarinos meninos-orixás, "não há de haver outras mais bonitas na avenida". A bateria que seguirá atrás dela, "como são perfeitos meus irmãos de barracão". E, finalmente, no meio das alas, o gigantesco carro de Exu, a gesticular seus braços mecânicos, "com sua capa encarnada e luz de lâmpadas, olha que lindos os olhos do meu orixá, olhos de pai". Tantas belezas coloridas e tantos degradês, tantos milagres tirados de papel e tinta, fazeres que do nada resultaram em espetáculo. "Transformação", pensava. A menina simples do morro trazia nos ombros e nos pés a poderosa Pombagira. Mas os sinais, que à tarde eram leves suspeitas e, ao cair da noite, deram as caras, puxaram-na outra vez para a Terra, cobrindo-a com um manto de invisível ameaça. Diante dela, abriam-se o voo e a queda.

Aquela dor insuportável latejava nas têmporas. Tanto no lado direito como no esquerdo, a pancada do surdo a ecoar pelo cérebro, agulhadas finas e longas acelerando o avanço em direção ao sistema nervoso central. O coração alvoroçado de Selma buscava com dificuldade lufadas frescas de ar. A boca aberta engolia também pingos de chuva que escorriam pelos cílios de nylon. E de repente, todo o burburinho musical e pirotécnico do Carnaval se fechou num grande silêncio. Puf! A chama, espalhada, entrou pela boca do engolidor de fogo, na ala da frente. Nem a fumaça restou. E, portanto, Selma viu o mestre Vavá com seu apito estridente equalizando os instrumentos da bateria. As baquetas já lá açoitavam a membrana dos tambores e tamborins. Mãos ágeis atacavam-se aos pandeiros, aos taróis, aos repiques, às cuícas, aos agogôs. As camisas tricolores empapadas de suor. O cheiro forte do corpo dos companheiros. Ao

redor dela, uma multidão de foliões desconhecidos falava ao mesmo tempo, arrumava os últimos detalhes das roupas, agulhas para bainhas fora do lugar, cremes para lustrar o lombo e as coxas, copos de cerveja e garrafas d'água para os desidratados. Junto ao carro de som, lá na frente, Zeca já chamava a comunidade e sacudia o público das escadarias com a potência da voz.

Tudo isso em decibéis, mas Selma tinha os ouvidos moucos. Nada — nem uma mísera nota musical, uma palavra solta, nem um riso ou um praguejar — entrava pelas grutas das orelhas. Só a mímica das bocas. Bocas de onde não saíam notas. Bocas engolindo fogo. Bocas mexendo lábios, mostrando dentes, mas delas saíam só sopros. Lembrou-se da outra vez, no passado, e reconheceu o mesmo silêncio que chegou minutos antes de uma bala perdida que quase a matou, no pátio da escola. Sim, era o silêncio de outros silêncios. Para tentar destapar as portas do ouvido, fez o mesmo gesto infantil da primeira vez, o de enfiar a unha ruída e suja — agora postiça e vermelha. Balançou a cabeça com insistência e bateu com os punhos no crânio de um lado e de outro, como se fazia quando nos entrava água depois de um mergulho no mar. Porém, a grossa capa de cera já se tinha formado, uma membrana tão espessa como a que açoita o tamborim. Olhou para a calçada. Imaginou-se fulminada no chão, pela mouquidão. Mas sentia, na nuca, a pressão dos olhares dos músicos da bateria voltados para ela, olhares de admiração. Lembrou o que a mãe, também sambista como ela, costumava dizer, que uma mulher, no seu dia de rainha, nem chora, nem cai morta. Pelo contrário, encarna a força de uma deusa e evolui na avenida, flutuando os pés em movimentos coreografados, agitando a bateria de repiques. "Nada disso está acontecendo. Nada disso é real. Estou tendo uma alucinação", pensou, e tirou as mãos dos ouvidos vazios.

A escola entrou naquele instante na Sapucaí. Selma balançava as penas vermelhas de faisão, as cores da Pombagira. Assumia o posto à frente dos tambores. A chuva piorou. Relâmpagos cruzavam os céus e a multidão indiferente ao temporal já se levantava. Vavá, todo em vermelho, falava palavras inúteis no ouvido dela. Selma sambava, rebolava, jogava com os

cristais encrustados nas mangas que apenas lhe cobriam os ombros. Preparava o padê pro meu axé; Exu Caveira, Sete Saias, Catacumba; era no toque da macumba, saravá, Alafiá, que conseguiu ler nos lábios dos outros. E então cantou fora do tom e baixinho, fingindo cantar alto e bem o seu ô luar, ô luar. Para um lado e outro, lá vai ela como bêbada, abrindo os braços e girando para o povo, fazendo reverências de entidade. Da plateia, recebia de volta olhos arregalados dos fãs, bocas abertas em gritos que não se propagavam no ar, mancheias de confete e beijos que aterravam aos seus pés. Não haveria na avenida alguém mais bela do que ela. E, no entanto...

Quanto tempo teria se passado entre as estrofes de Exu que contam a história da chegada dos escravizados ao Brasil, pelo asfalto desta avenida? O mar é um enorme taxo de dendê, de padê, de farofa, de encruzilhadas e festas africanas, pensou na letra. O mar é um oceano de gente, caldeirão misturando catadores de lixo, marginalizados, os esquecidos. De tudo isso cuida sua majestade Exu. O samba-enredo revirava na sua cabeça.

— Eu também sou caboclo, andarilho e mensageiro — repetiu.

E o oco dos ouvidos trazia de volta ecos. E assim, de repente, uma inspiração chega junto com a voz misteriosa de mulher e consegue atravessar a parede impenetrável de cera. A voz sussurra-lhe que fechasse os olhos no passo da dança do corpo, que se deixasse guiar pelas vibrações do som que faziam tremer o chão, as paredes, as arquibancadas. Da caixa de som do corpo, que buscasse a ressonância, os movimentos, a afinação. E é uma voz tão poderosa que ela mergulha sem hesitar nesse mar de Exu, levando a remadas sua Pombagira até os jurados, seguindo a correnteza das arquibancadas, gritando ô luar, ô luar, em giros performáticos.

— Nas vidas passadas já fui mulher-dama, cafetina, escrava e feiticeira — respondeu a Pombagira. E Selma tem uma súbita vontade de beber, de fumar, de dançar. De perfumes. De batons. De rosas vermelhas. De luar — ô luar. Selma gargalha alto, e o som da gargalhada se multiplica nas vozes de toda a escola. A música gritada na sua cabeça. O corpo saltando. As asas vermelhas agitadas e os passos do samba agora mais complexos,

salpicando poças d'água. Selma vai navegando nas águas das gentes e das histórias, até aportar, finalmente, na grande praça de dispersão do sambódromo. A pele negra em brilhos de suor e maquiagem. Mas não é porque o desfile vai terminando que ela para de dançar. O corpo ainda requebra e segue a música. A surdez já não importa. Todas as vozes de fora migraram para dentro. O silêncio estava pleno dos outros.

Mestre Vavá vem abraçá-la, emocionado. Ritmistas e passistas ajoelham-se diante da poderosa rainha. Mas os aplausos e gritos de alegria, ela só adivinhou. "Mesmo se eu nunca mais ouvisse, teria valido a pena", disse a si mesma. E foi em meio ao alvoroço e à euforia da chegada que um carro abre-alas, desgovernado, avançou sobre a multidão de sambistas. Segura ele, Exu. Segura. E os ouvidos de Selma destamparam-se de repente. Lá longe ouviam-se as vozes da última ala que fechava o desfile. O ar voltou a entrar fácil pelos pulmões. Sorria na embriaguez de rainha preta da bateria. Os gritos de alarme e os avisos de "sai da frente" chegaram em câmara lenta, misturados a gritos de ziriguidum. O barulho das vigas e colunas de aço arrastando toneladas da alegoria da encruzilhada misturava-se ao samba, aos fogos de artifício.

O tempo do relógio para. A filha da África abriu as asas, abriu o penacho vermelho, em rodopios — como se, enfim, preparasse o grande voo. Ouviu, alto, o nome dela no exato momento em que um raio cortou o ar e virou-se para Vavá, mas viu chegar Exu, com suas grandes mãos mecânicas estendidas para um abraço. Então, Pombagira endireitou o corpo, colocou as mãos na cintura e levantou bem a cabeça de lantejoulas para encarar os olhos de fogo de seu compadre Exu. Abriu um sorriso desafiador na boca. O corpete encarnado acelerava-se na respiração. Espera. Sem largar o olhar. Sem sair do lugar. Sem dizer palavra. Só um surdo volta a tocar no ritmo perfeito do tempo — bum, bum, bum.

* O samba-enredo que atravessa estas páginas foi levado à Sapucaí em 2022 pela escola de samba Acadêmicos do Grande Rio, sob o enredo "Fala Majesté, Sete Chaves de Exu".

O DESTINO DE NELSON

Carlos Rabelo

Sons de festa saíam de uma casa no Morro de Mangueira pelos idos de 1931. Era uma mistura de risadas, chacoalhar de pratos e panelas, tilintar de talheres e samba com flauta, violão e cavaquinho. A senhora da casa, Dona Silvina, teve uma bela festa de aniversário, com direito a canapé, quitutes e quindins, além de um ponche de frutas servido à concha sobre renda. Ela era mãe de santo, baiana e festeira. Morava num bangalô verde que sempre vivia apinhado de gente e que naquela noite reluzia de janelas acesas à luz amarela do lampião.

Bem tarde da noite, dois convidados, um chamado Cartola ao violão, e seu amigo Carlos Cachaça ao pandeiro, reacendiam as brasas da festa que morria em cinzas. Pelo andar da carruagem cantavam só na maciota, improvisando versos ao compasso do partido-alto. Eram admirados por um grupo de amigos e parentes, pessoal que às vezes cantava em coro ou ajudava na percussão.

Dona Silvina foi dormir sem se despedir de ninguém pra não mandar a turma embora. Só tomou o cuidado de trancar o bar da estante, pois sabia que aqueles caras eram todos uns pinguços.

Pouco depois, o Carlos Cachaça se levantou pra esticar o lombo, indo de ré até se apoiar na janela. Fez isso tudo sem perder o andamento nos repiques ao couro do pandeiro. Lírico, como sempre fora, tombou a cabeça pra trás em busca da Lua. Nada. Noite escura. Foi quando tomou um baita susto.

Um vulto se movia na escuridão da noite. Um homem a cavalo; no primeiro relance, Carlos teve certeza de que era assombração. Parou de tocar e avisou:

— Tem uma coisa ali.

A imagem se aproximou e Carlos Cachaça adivinhou a figura de um guarda da cavalaria. Quando os outros chegaram já tinha sumido.

— Não quero botar medo em ninguém, mas... Ou é fantasma, ou é polícia.

Ficaram no silêncio da expectativa.

— Já deve ter ido embora — murmurou Carlos sem graça.

Batidas na porta. Gelo geral.

Cartola, que nunca perdia a classe, levantou-se para atender a porta.

— Olha primeiro quem é! — sussurrou o primo Orlando tarde demais.

Ainda com a mão na maçaneta, Cartola se viu diante de um policial que segurava as rédeas do cavalo.

— Boa noite, seu guarda — disse Cartola com voz de bom moço.

O guarda, um sujeito baixinho, que não punha medo nem em formiga e falava com uma voz fininha e engraçada, perguntou se era dali mesmo de onde vinha a música. Cartola não entendeu se estavam ou não sendo acusados de perturbar a ordem pública, mas viu que não fazia sentido negar já que os instrumentos estavam à mostra. Primo Orlando ocultou seu caxixi sob a barra do paletó.

Dona Silvina já acompanhava o burburinho de longe e veio de touca e pijama ver do que se tratava. Notou a apreensão dos convidados e o constrangimento do policial que parecia não saber o que queria. Mas ela era escolada — sabia ler as pessoas como se livros fossem. Ofereceu então um cafezinho ao sujeito que aceitou na hora. O guarda amarrou a rédea na jaqueira, e entrou murmurando um agradecimento para o assombro geral.

De perto puderam ver que era uma pessoa jovem, mas que exibia uma velha tristeza. Tinha olhos grandes e graves. Cafuzo de compleição, tinha um baita espaço entre o nariz e a boca, o que lhe conferia um constante olhar de desilusão.

A matriarca se acercou dele perguntando:

— Qual é o seu nome, meu filho?

— Nelson.

Naquela altura do campeonato, Silvina não estava com a menor disposição de passar um café. Fez que esqueceu o oferecimento inicial e partiu ao ataque:

— Aceita um licor de jenipapo?

Nelson ficou com cara de tacho. Caso aceitasse, não poderia mais fingir que estava a trabalho. Bem na véspera tinha jurado de pé junto diante de Deus e de seu pai, o Major Brás, que nunca mais tomaria cachaça. O Brás era maestro da banda do quartel, e quem arranjou através de muito esforço aquela colocação ao filho. Sua última chance.

— Não, obrigado — respondeu Nelson negando a sede.

O guarda então ficou parado diante das pessoas que esperavam o motivo de sua misteriosa visita. Em silêncio, aguardavam ser revistados. Nelson improvisou:

— Olha, gente... Parece que tem um personagem perigoso rondando por Mangueira. Vim só dar uma olhada mesmo. Podem seguir o samba como se eu não estivesse aqui.

Cartola sussurrou ao ouvido de Carlos Cachaça:

— Esse guarda não é de nada.

Dona Silvina, também notando que era tudo conversa fiada, ajudou a manter as aparências.

— Que bom que o senhor veio então.

Para quebrar o gelo, Cartola começou um samba do Sinhô, um menos conhecido e que ele gostaria de ter escrito. Dona Silvina aproveitou para sair de fininho, e Nelson, sem esperar que o convidassem, sentou-se perto da entrada com o quepe polidamente sobre os joelhos. Teve o cuidado de deixar a porta entreaberta para manter um olho no cavalo, que era manhoso e não gostava de ficar sozinho. Assim Nelson podia parecer que estava de sentinela enquanto apreciava a música. Quando terminou a canção, Nelson não se conteve e exclamou:

— Esse Sinhô é um gênio!

Os músicos trocaram um sorriso de entendimento e Carlos murmurou:

— É daqueles que sabem quem compôs a música.

E como adoravam se exibir, partiram para um pot-pourri ensaiado e afiado por semanas, um número que tentaram emplacar na rádio e que não foi aceito por causa da cor dos cantores. O arranjo era bem caprichado, com coros e contrapontos, e as rimas parnasianas dos rapazes. No final de tudo, Nelson teve que puxar o lenço para enxugar uma lágrima. Desmascarado, viu Cartola se aproximar e oferecer um cigarro. Nelson aceitou, fumou e o momento foi notado pelos demais.

— Eh! Virou Brasil... — exclamou aliviado o primo Orlando.

Os músicos ficaram bem metidos à besta por terem vencido a resistência militar do recém-chegado e atacaram uma valsa barroca do Donga, um amigo que não pôde vir. Foi quando o Moacir, ao cavaquinho, se embananou com a sequência harmônica. Nelson farejou o acorde que faltava.

— Vamos outra que essa você não sabe — sentenciou Cartola.

Mas o Moacir, orgulhoso, sabia que não precisava mais que duas chances pra tirar música qualquer que fosse. Então pediu:

— Vamos de novo que eu acerto.

— Posso tentar? — perguntou Nelson.

Todo mundo olhou. Já tinham compreendido que aquele sujeito entrou ali só pela música. Até aí tudo bem. Mas entrar no samba era outra história. Aquele pessoal era muito enjoado, e o Cartola, em especial, um nojo. O que eles tinham ali era como um clube. Havia regras de comportamento. Não era essa coisa de violão passando de mão em mão, ou canta quem quiser. Se alguém desafinava, o Cartola fazia careta. Muitos postulantes, amigos de amigo, foram recusados. E havia o medo de deixar o recém-chegado tocar só porque é polícia; depois o sujeito empolga e resolve mostrar suas composições ridículas.

— O senhor toca mesmo? — perguntou Cartola tentando dissuadi-lo de seu intento pueril.

— Meu nome é Nelson — respondeu, com cigarro ao canto da boca, para acabar de vez com aquela história de "senhor". E completou:

— Toco, sim, um pouco. Cavaquinho e violão.

— Passa o cavaco logo pra ele, Moacir! — exclamou o primo Orlando muito incomodado com aquela descortesia.

Moacir, disfarçando o despeito, entregou o cavaquinho nas mãos de Nelson, que, sem pressa, tirou uma palheta da carteira — gesto que impôs respeito.

— Quem é ele? — perguntou a linda Guiomar dos olhos de serpente. Sobre ela, muitos sambas seriam escritos.

Nelson então pediu uma nota ré do violão do Cartola, e corrigiu levemente a afinação do instrumento, cuidado que extraiu de Moacir um suspiro de indignação. Depois trocou um olhar com os músicos que retomaram a valsa em clima de teste. E não era mesmo que aquele guarda mirradinho se pôs a tocar com graça e molejo, sem abusar de truques e com um som meio sujo, meio rouco, diferente de tudo.

— Onde você aprendeu a tocar desse jeito? — perguntou Cartola assombrado.

— Sozinho — respondeu Nelson suspirando a solidão do quartel.

Os sambistas se enterneceram e passaram a tratar Nelson como um passarinho que caiu do ninho. Queriam saber como um sujeito sensível, um artista, foi parar trabalhando na polícia. E Nelson abriu o jogo. Contou com picardia sobre episódios de indisciplina, sua incapacidade em cumprir horários, suas bebedeiras frequentes, sua cabeça que só pensava em música e se esquecia das ordens. Ele se confessou sem reservas como o pior soldado da História da Guanabara e foi prontamente adorado.

Debocharam tanto dele que se sentiram à vontade para reclamar da polícia, mais que todos, o primo Orlando. Sem generalizar, é claro. Contudo, perguntaram ao Nelson o que ele pensava dessa polícia que baixa o cacete na gente do morro e do samba.

— Uma sacanagem — comentou Nelson.

E contou como muitas vezes em vez de botar ordem nos batuques, ele se sentava com o pessoal e tomava uma cervejinha. Notaram a indireta. Cadê agora o tal licor que Dona Silvina lhe oferecera? E que absurdo deixar o pessoal ali cantando a seco. Era inclusive um insulto às armas nacionais ali representadas na figura do Nelson.

Logo todos se reuniram ao redor de um projeto de malcriação. Quem se aventuraria a entrar no quarto da dona de casa para encontrar a chave? Tentaram convencer a Guiomar, neta da dona, sobre quem talvez a bronca fosse menor. Porém, ela só punha lenha na fogueira, sem querer se comprometer.

Ao que Nelson declarou:

— Não preciso de chave pra abrir esse negócio!

Nelson então passou a se gabar do conhecimento adquirido com a convivência cotidiana com os meliantes do mundo, que usavam os truques dos punguistas, e as falcatruas dos falsários. Foi desafiado.

— Então mostra, malandro — disse Cartola, que estava com sede.

Nelson arregaçou as mangas e foi estudar a fechadura. Na verdade ele só possuía vaga noção da técnica, mas resolveu tentar. O pessoal ficou em volta, uns achando bom, e outros um pouco confusos com a moralidade da coisa toda.

— Pode isso? — perguntou o primo Orlando.

Carlos Cachaça, que era um pouco mais velho, acalmou a moçada argumentando que Dona Silvina em pessoa oferecera licor ao bravo Nelson, e que deixá-lo ir embora agora sem nem ao menos um trago seria quase que um crime de desacato. E ainda atiçou a vontade geral cantando as virtudes da cachaça de Parati que se encontrava ali dentro, uma que nem tinha onde comprar. Eram uns parentes da roça que mandavam.

— Alguém tem um pedaço de arame? — perguntou Nelson.

Cartola propôs uma sobra do mizão, a corda mais grossa do violão. Ninguém pôs fé e tiveram até um pouco de pena do Nelson. Ele futucou e futucou — até que "clique", deu sorte! Ou porque a tranca era gasta ou por bênção das musas, logo passavam garrafas de mão em mão e antes de mais nada brindaram à saúde da dona da casa, e falaram muito bem dela pra compensar. Logo os efeitos da bebida deram a notar no repertório que pendeu para as valsas suicidas e os tangos desesperados. Copos quebraram e companheiros caíram pelo caminho.

Avançava a madrugada, o pessoal foi indo embora, e no final ficaram só Cartola, Carlos Cachaça e Nelson. O nível de embriaguez que os três atingiam nessa tenra juventude era tema

de lenda. Quando os dedos rosados da aurora acariciavam as árvores, Nelson adormeceu na cadeira de balanço. Em plano de fundo, uma polêmica entre Cartola e Carlos Cachaça acerca da autoria de um tango argentino. Carlos afirmava que era do Gardel, e Cartola asseverava que era do Discepolo. O cavalo relinchou no quintal como que rogando Nelson a retornar ao quartel.

— Vamos vender esse cavalo? — propôs Carlos Cachaça que já contava como coisa certa e garantida a deserção do Nelson.

Nelson acordou sobressaltado ao ouvir falarem no cavalo. Com esforço, escorado ao ombro de Cartola, foi até o cavalo que mastigava contente um pé de couve, coisa que mais tarde deixaria Dona Silvina muito chateada. Nelson viu o cavalo fazendo errado, e o chamou pelo apelido carinhoso que lhe dera em segredo:

— Feijão! Que é que cê tá fazendo, irmão?

Nelson tinha grande afeição pelo cavalo Feijão. Na caserna o coronel proibia a prática de dar nome aos cavalos, que anônimos e numerados estariam mais prontos ao sacrifício da batalha. Nelson bem que tentou, mas em poucas semanas dava cenoura e murmurava palavras doces à orelha do bicho.

— Você consegue ir embora? — perguntou Cartola preocupado.

Nelson, guerreiro, foi subir ao cavalo. No estado em que se encontrava não era tarefa fácil. Os dois vieram ajudar, um empurrando, o outro segurando, mas como estavam também chumbados e atravessados mais atrapalhavam do que ajudavam. Nelson deslizava pra lá, pra cá, até finalmente se firmar sobre a sela como um galante general baleado.

Saiu trotando mais por iniciativa do Feijão do que qualquer outra coisa. Foi seguido pelo olhar otimista do Carlos que comentou:

— Acho que vai dar tudo certo.

Meia-hora depois no quartel o pai de Nelson, o maestro Brás, muito querido por todos, foi chamado ao gabinete onde despachava o temido Coronel Borges, um homenzarrão engomado que portava um bigodinho fino de galã.

Brás bateu continência. Seus olhos se encontraram sob o tique-taque do relógio de ponto. O comandante questionou à queima-roupa:

— Ele parou de beber?

— Parou sim, senhor.

— Certeza?

— Certeza.

Foram interrompidos pelo som de risadas que vinham da sentinela. Brás e Borges trocaram um olhar de alarme e correram para o pátio.

Os fatos se precipitavam, e o destino de Nelson estava para se confirmar.

Eis o cavalo Feijão entrando no quartel, trazendo em cima Nelson dormindo sossegado, deitado e abraçado ao pescoço do bicho. O queixo do comandante Borges caiu. O velho Brás se perguntou qual pecado pagava. Durante o caminho os vizinhos apontavam aquela imagem de desmoralização pública e se perguntavam até quando, meu Brasil, vai imperar essa pouca-vergonha. Logo cavalo e cavaleiro foram cercados por policiais curiosos que riam e comentavam aquela entrada triunfal. Seria a mais famosa das anedotas sobre a breve carreira militar do nosso querido Nelson. Muitos que lá não estavam no futuro se convenceriam de que testemunharam o fato de tanto contar esse causo.

Agindo sem pensar, Brás puxou o cinto e arremeteu contra o filho estalando o couro no lombo do rapaz que acordou sem fazer ideia de nada. Devido ao esforço de cada cintada, as calças do Brás foram arriando, revelando o cofrinho das secas nádegas do maestro, o que fez a turma em volta rir com mais gosto. Ainda apanhando, Nelson apeou meio que caindo, meio que escorregando, e o Brás chorando, o Borges gritando, o Feijão relinchando, o Nelson vomitando e a tropa em volta gargalhando.

Nelson gastou o primeiro dos três dias de xadrez para curar a ressaca, e os dois seguintes foram o tempo para ele aceitar que nascera para a lira, e que todo aquele negócio de tomar juízo tinha sido uma perda de tempo. Quando se viu livre na calçada sentiu tanto alívio que começou a chover. Deixou lavar do corpo a poeira do quartel e foi se secar à brisa do mar.

E com a desculpa perfeita da desonra pública largou família, casa e dívidas para sumir no mundo como poeta-vagabundo. E foi se virando, dormindo em sofá de amigo, com uma namorada aqui e outra acolá, e tocando em troca de cachaça. Recebeu ajuda dos veteranos da noite, mundanas e aventureiros, uma gente que, como se sabe, é muito solidária. Depois vendeu e revendeu samba de igual pra igual com os maiores.

Ora, num país cuja falta de memória só se compara ao talento de sua gente, é preciso contar que esse boêmio soldado era nada mais nada menos do que um dos maiores sambistas do Brasil, o que o torna, consequentemente, um dos maiores frente ao Infinito: o genial Nelson Cavaquinho. Como Chaplin, ele era desses que te fazem ao mesmo tempo rir e chorar. Foram herdeiros do Pierrô: o cômico e o comovente. Por conta de uns sambas sombrios que ele fez, costuma-se dizer que Nelson Cavaquinho seria obcecado com nossa hora fatal. Uma cabal besteira! Nelson tinha somente pela morte o mesmo fascínio que os músicos têm pelo silêncio.

O SURDO

Helyana Manso

Vai passar o braço descendo com a baqueta, a ponta felpuda no couro do instrumento, a outra mão abafando, levantando; o brilho na pele começa a aparecer com o esforço de ser o pulso de todo um corpo, o suor do surdo. Antes disso, éramos quase um esqueleto sem alma, pandeiro, tamborim, ganzá; os ossos batendo uns nos outros, sem carne; a alma é a carne.

A entrada do surdo nos impulsionava além, não eram só as pessoas no bar; alcançávamos as pessoas na calçada, nos paralelepípedos, na outra calçada, nos outros bares. Era o que transformava a música ambiente em festa de rua. Uma horda de marionetes, corpos largados no chão que, ao primeiro toque, se arrepiavam, levantavam suas orelhas de bicho e, ao segundo, subiam desconjuntados, aos poucos organizando, encaixando seus corpos para sambar outra vez. Imortais.

Eu gostava de cantar em bar, mesmo que as pessoas não prestassem atenção no nosso som, que competia com o tilintar dos copos, com as confraternizações, os amores. Era suficiente se nos ouvíamos; encarávamos como um ensaio pago onde, na mesma altura e calor dos bêbados, procurávamos nosso som, construíamos nosso entrosamento. Nesse espaço desatento, eu estava protegida pela música; era um lugar seguro, eu e meus músicos cercados de nossas notas.

Mas, no teatro, era como se uma feitiçaria fosse invocada; toda a extensão do palco que precisava ser ocupada com nossa

arte, e ainda atingir as paredes do fundo da plateia, os corpos no escuro, o silêncio. O conjunto atrás, eu isolada na frente, o mergulho, as feras sentadas à espreita, elas me engoliam. Eu partia da música mas, a força com que me puxavam, eu ia me desgrudando, sangrando som, às vezes estava por um fio quando ele, ele me desvencilhava das garras daqueles olhos ancestrais. Sempre. Meu surdista mudava a célula, ou puxava uma virada diferente, uma mão mais pesada, ele percebia quando eu estava sendo perdida e me chamava de volta, volta, volto. E eu voltava; para o samba, para eles. Eu chamava isso de inspiração.

Meu surdista era quem me fazia ficar quando eu tinha dúvidas, sempre tenho dúvidas. Ele era manso e também era assim que me protegia, sem estardalhaço; uma mudança sutil de direção em seu fraseado era suficiente para abalar o transe cego, a hipnose das feras. Dizia que me resgatava, eu te resgato. Zelava pelas minhas roupas nos shows, vigiava minha hidratação quando saíamos para beber, até me ajudava com minhas falas nas entrevistas; por vezes eu podia ser excessivamente espontânea, quase falei demais, que bom que você está aqui. Nossa conexão nunca havia sido rompida; nem nas notas, nem nas palavras, nem nos silêncios. Havia sido assim desde que ele aparecera no ensaio, levado pelo violão de sete. Um mês depois, já estávamos juntos, e ele me cuidava da hora que acordávamos até a hora de dormir.

***

Não era a primeira vez que o conjunto viajava para tocar naquele evento literário à beira-mar, mas era a primeira vez com Copa do Mundo, ambos empurrados no calendário, uma pelo calor, o outro por esperar a volta da presencialidade; durante os jogos, não havia muito intelectual pedante que mantivesse a compostura; também não eram muitos os que sabiam sambar, mas quem se importa. Somada a isso, a correria de fim de ano. Os presentes de Natal na cabeça, os balanços nas empresas. Era uma tempestade perfeita para um arroubo coletivo.

A cidade, que na sua pequenez já explodia durante o Festival, agora parecia que se verticalizava com pessoas empilhadas

em suas ruas estreitas. A euforia das pessoas era palpável, a fé no ano que estava para entrar, o alívio da barbárie que ficaria para trás. O fim dos infelizes. Que imenso o mistério que era a concretude da energia coletiva. O ar entre as pessoas estava tomado dessa energia, desse foco em rejeitar o que era mau. Naquela semana, naquela cidade, na feira sem teto nem paredes, movimentada por uma massa vermelha de pessoas, as máscaras haviam ficado nas malas para a volta de ônibus.

O clima era de pré-Carnaval, embora ainda tivéssemos mais um par de meses até lá. Não importava. A ansiedade se esticava até fevereiro, suas mãos nervosas encostando nos bloquinhos de rua e carros alegóricos na avenida. Todos já podiam sentir o Carnaval colado nos corpos.

***

Na sexta-feira, ao passear, fui surpreendida por um bloquinho espontâneo. Talvez "informal" seja melhor, porque as fantasias eram muito elaboradas para terem sido feitas de improviso. Um astronauta coberto de ramos, um esqueleto com uma rã na cabeça; um dragão se afastando do grupo para comprar um sorvete; alucinavam, talvez. O bloco era formado por poucos foliões e alguns músicos de ocasião, os instrumentos não estavam nem amplificados; passaram contentes, jogando serpentina, cantando marchinhas e sambas. Desbotado o caminho, além do rastro de confete na rua, ficou uma mulher. Sozinha. Gorda, muito branca, marcas vermelhas de quem tostou ao sol, cabelo escuro no ombro ou grudado no rosto suado e as bochechas pintadas de muitas cores; usava um biquíni, saia tutu *pink* e flores no cabelo. E enquanto se ouviu a música do bloco que se afastava, ela dançou, que linda, ela dançava, ela dançando. Quando a música se tornou apenas memória, ela foi embora cantando. Distraída. Fiquei ali parada, mastigando e engolindo aquela mulher desprotegida, autorresgatada.

***

Na manhã seguinte, estava sonhando com aquele instante, a dança daquela mulher, apenas a dança; quem cantava era eu. Soltas. Me esforçava para que aquele gosto não fosse subtraído de mim. Não queria acordar, mantinha os olhos fechados. Mas minhas pupilas queriam obedecer ao chamado imperioso da luz que esmurrava a madeira do janelão antigo e alto, que horas seriam. Era tanta luz pelas frestas que eu parecia estar em plena rua, combatendo o sol do meio-dia. Já ele, ele dormia cego embaixo das pálpebras; tão desprovido de incômodo, que cogitei ser eu o único alvo de tanta claridade. Ele não acordou, nem com a luz, nem com a dança. Deixei.

Quando saí, fui ofuscada pelo chão cintilando. Não havia chovido, mas os raios de sol rebatiam nas pedras em muitos pontinhos. Abaixei para ver o que era, mal dava para olhar, tamanha a veemência do brilho, e o glitter fazia um tapete na rua. Um caminho pavilhado de vaga-lumes amassados e cristalizados no seu momento brilhante; cidadãos de Pompeia tenebrosamente preservados.

Que bonito, caminhei.

No litoral, todos os errantes se levam ao mar. Cheguei na praia e parei com os pés sendo molhados sem tempo de secar. Era cedo. Cedo, mesmo para os que acordam cedo, mas não tinha me dado conta antes, tal tinha sido a intensidade do brilho que escapara para dentro do quarto.

Ali, olhando o mar, percebendo o movimento dos pescadores, barcos já saídos, as esposas resgatadas na espera do sempre incerto retorno de seus protetores, tive vontade de mudar a lista de músicas para aquela noite. Nossa apresentação não era feita de rochas no mar, mas de pedras roladas de água doce. Meu impulso era trocar boa parte do repertório, um desejo incontornável de cantar os mortos. Pelo mais de meio milhão desses dois anos e meio, pelos que não tinham sido lembrados pelos ainda não penitentes. Pessoas que cantavam, que compunham, tocavam, havia tantas músicas que nos levariam a elas. Também eu queria erguer uma catedral. Também eu queria deixar de ser um resgate constante e eterno.

Sentia a canseira de quem vem da cidade e passa o dia no mar, e já a saudade do evento que nem terminara, da música

todo dia, o agito literário, os desconhecidos que nos chamavam pelo nome. O clima era especial; não só pela pressão atmosférica ofegante e a maresia estragando os instrumentos depois de décadas, mas pela efervescência do momento. Depois de tudo o que tínhamos passado, agora o contraste nos trazia um surto de arrebatamento, o carnaval do ano seguinte seria apoteótico, álcool em copos, garrafas e bocas, sem máscara, sem um desgovernado na frente e apenas o nosso horror habitual. O clima era irrepetível. Batíamos palmas.

Eu era tomada por tudo aquilo. Algo novo parecia querer se manifestar em mim, não sei o que é. Pensava no que me fazia não dançar, uma impressão de estar do lado de fora das coisas, será que sou pequena. Melhor voltar e dormir mais um pouco, senão a voz não aguentava. Voz precisa dormir para poder sentar e descansar. Acordada, está sempre em pé.

Voltei para a cama com uma lista de sambas na cabeça que encheria as quatro horas da nossa apresentação; ele estava acordando, mas aonde eu tinha ido, essas coisas; falei da praia, da ideia, ele aprovou. Hoje, os mortos. Domingo, a noite derradeira, pertenceria aos vivos. Antecipar o que seria o ano seguinte, a vida, o massacre sendo enxotado, a crença fugaz de que viver era possível.

Depois de passarmos quase todo o sábado na cama, fomos para nossa penúltima noite no bar. Chegamos mais cedo para organizar com calma as ideias do nosso encômio. Mal começamos o som, apareceu um clarinetista amigo, faminto de música, puxou uma cadeira, acompanhou nosso cortejo fúnebre. O samba tem essa permissão, falar de coisas tristes enquanto canta felicidade. Foi o que fizemos. E o clarinete, aquelas frases sem amarras me incitavam ao risco, o som sem folga, nem suas pausas interrompiam. O silêncio, um trampolim para desabar nas notas que se misturavam à minha voz, a fúria criativa daquele músico quase me jogando no descolamento que eu experimentava no palco de um teatro, que coisa mais linda. Meu surdista parecia mais solene.

Na última hora do som, nosso samba se desenvolveu retinto, intenso. Minha voz já um pouco arriada de tantos dias e ainda carregando todas aquelas mortes. Para os últimos sambas, fui

abaixando os tons para me acomodar, negociava com as cordas para que elas também continuassem soltas, privilegiando tons que driblassem as pestanas, a evolução natural da noite. Reparei no velho que puxou um caixote para sentar e batucar numa caixinha de fósforos, em dois casais que arriscavam uma gafieira, num grupo de amigas que tentava mostrar a seus chinelos que o samba no pé era possível, mesmo com um solado de borracha preso pelos dedos.

Terminamos mais tarde do que o normal, nossos andamentos atrasaram com o peso, as majestades têm seu tempo. Mas parecia que eu ouvia um surdo ainda. Vou indo; por ele, eu esperaria na cama. Um punhado de pessoas ia embora, outras poucas ficariam mais, aproveitando a cerveja infinita, a liberdade tranquila de estar naquela minúscula cidade naquela semana; um lugar violento fora da temporada e da limitação daquelas quadras, e que se transformava nesse lugar onírico durante o festival.

Eu caminhava devagar. O surdo seguia no meu ouvido. As batidas se ligavam por uma ressonância profunda, um eco que parecia mais com a reverberação de um solo que corria por baixo do chão.

Quanto mais eu me distanciava do bar, mais forte soava o surdo, até eu começar a achar que era de verdade e procurar onde havia música fora do centro onde tocávamos. Não era comum que houvesse atrações espalhadas, ainda mais tão perto da alvorada. E o surdo cada vez mais alto.

Ainda era madrugada, mas parecia haver um sol clareando, fazendo brilhar o glitter que eu já começava a enxergar no chão, calçamento festivo; *pink*. Caminhei para dentro de uma nuvem de brilho que pairava no ar, as batidas suntuosas como se eu estivesse cercada por um único surdo por todos os lados.

O glitter era o samba na pele e, ao mesmo tempo que grudava no meu corpo, se aglomerava em olhares de perto, de longe, das paredes, do mato do outro lado da calçada. A mulher que dançava me veio à cabeça, ela não se sentia ameaçada pelas feras. Nos meus braços, o suor do surdo que eu não havia tocado; as gotas refletiam a luz tanto quanto o glitter que me envolvia. Quem tocava o surdo era eu; no entanto, que surdo. Hoje não

haveria quem me resgatasse, mas. Eu não sentia a ameaça. O glitter pulsava com o surdo; com cada batida, a nuvem se expandia e voltava para cada vez mais perto de mim, condensando mais e mais em um núcleo que, quando queria expandir de novo, puxava um pouco da minha pele junto consigo. Ninguém me resgatava da entrega. E eu, descontrolada, entregava. Antes não era inspiração. Mais glitter se aproximava e se juntava à nuvem original, como borboletas monarca chegando ao seu destino. Eu expandia, eu condensava, e carregava o estandarte da cintilância, enxergando pela primeira vez o sanatório que ficava para trás. Entregue às feras, eu era fera.

Não houve testemunha. O glitter partiu em revoada. A cidade era bonita de cima.

O pó vagamente brilhante que restou caído no chão foi aos poucos se espalhando, grudando nas solas das manhãs. Também acordava sozinho meu surdista, imaginando a noite que eu tinha passado com outro. Vai passar. Que outros me cantassem na noite dos vivos.



ONOMATOPEIA

Nílson Souza

O professor Flávio Ledor detestava as noites de sexta-feira. Após 49 anos de magistério, ele adquiriu um sobrado num condomínio de classe média em São Conrado, na Zona Sul do Rio de Janeiro, para curtir sua aposentadoria. Da varanda, podia observar jovens saltando da Pedra da Gávea e sobrevoando silenciosamente a encosta do morro e a orla do mar. O silêncio foi fator determinante na escolha do seu retiro. Lia e pesquisava até a madrugada para concluir o seu Dicionário de Metáforas Jocosas, que começara a escrever quando ainda lecionava na condição de titular da Cátedra de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá, localizada nas proximidades.

Seu paraíso durou três meses. Numa manhã clara de setembro de 1981, um velho caminhão de mudanças estacionou em frente à casa vizinha, até então desocupada. Pela janela basculante do banheiro, ele pôde ver que um homenzinho moreno, de cabelos grisalhos, comandava o descarregamento e orientava os ajudantes no transporte e na colocação da mobília. No final da tarde, o novo vizinho já estava sentado numa cadeira de praia na sacada, fumando e olhando o sol desparecer atrás do Morro Dois Irmãos.

Ficou sabendo pelo porteiro que o homem se chamava Ismael, era viúvo e proprietário de casas de aluguel no Morro da Serrinha, na Zona Norte, onde também era conhecido como sambista e compositor. Vivia sozinho — e essa informação

animou o professor, que prezava demais a tranquilidade do seu recanto. Mas já na primeira sexta-feira como morador do condomínio, o novo vizinho recebeu um grupo de amigos e o pagode se estendeu até a manhã de sábado. Ledor não dormiu naquela noite.

Na manhã seguinte, os dois vizinhos se encontraram na portaria, ambos com cara de ressaca. O sambista abriu um largo sorriso e, com aquela intimidade característica dos boêmios cariocas, estendeu a mão para o professor e fez uma saudação que também denunciava o porteiro como agente duplo em termos de informação:

— O senhor é o doutor letrólogo? Espero não ter feito muito barulho ontem...

Ledor retribuiu com a mão mole e achou melhor contemporizar:

— Inauguração da nova casa, não é? Tudo bem.

Só que na sexta-feira seguinte os sambistas voltaram. E nas semanas seguintes também — outubro, novembro e dezembro. O dicionário de metáforas populares travou na palavra "mermão", que ironicamente fazia parte do vocabulário dos sambistas embriagados. O professor passou a odiar as sextas-feiras. Sofria por antecipação: na quinta, já não conseguia se concentrar nas suas leituras. Comprou tampões de ouvidos, mas o ruído dos tamborins, as conversas em tom elevado e as risadas líquidas penetravam no seu cérebro. Pela basculante, observava até a bagunça terminar, quando um gordo de voz poderosa saía amparado pelos demais até a caminhoneta branca que os levava e os buscava, com a anuência do porteiro do condomínio. Um dia, cansado de suportar seu suplício calado, Ledor resolveu deixar uma mensagem na caixa de correspondência de Ismael. Pensou muito no que iria escrever, pois, por seu temperamento pacífico, não queria iniciar uma briga irreconciliável. Cogitou até mesmo de usar o termo "Mermão" como saudação inicial, mas acabou optando por uma linguagem mais condizente com sua formação:

> *Prezado vizinho,*
> *Como o senhor sabe, sou um pesquisador e preciso de silêncio para me concentrar no meu trabalho. Gostaria de saber*

quando cessarão os encontros musicais que o senhor promove todas as semanas.
Atenciosamente,
Professor Ledor

No dia seguinte, encontrou uma resposta igualmente sintética na sua própria caixa de correspondência:

Professor Letrólogo,
Também estamos trabalhando. Estamos pesquisando e ensaiando para a maior manifestação artística e cultural do país. Peço-lhe paciência, pois logo concluiremos nosso trabalho.
Atenciosamente,
Ismael

Em princípio, pareceu-lhe uma ironia. Porém, depois de ponderar, Ledor considerou a resposta educada e, para sua surpresa, bem escrita. Por isso resolveu retrucar com igual gentileza, mas sem deixar de dizer que aquela zoeira semanal o incomodava muito e poderia levá-lo a tomar outras providências:

Prezado vizinho,
Sou também um apreciador de manifestações culturais. Mas, com todo o respeito, não posso considerar como música uma batucada repetitiva, atordoante, que não sai desse bumbum, paticundum, prugurundum! Será que terei de solicitar uma intervenção da administração do condomínio?
Atenciosamente,
Professor Ledor

A resposta do sambista foi ainda mais sucinta e bastante enigmática:

Professor Letrólogo,
Obrigado pela sugestão!
Atenciosamente,
Ismael

Para surpresa ainda maior do incomodado, já na semana seguinte não houve batucada. Passaram as festas de final de ano e a casa vizinha permaneceu silenciosa. O próprio Ismael sumiu do condomínio. Ledor ficou intrigado. Nem o porteiro sabia o que tinha acontecido. Em meados de janeiro, com a casa ao lado fechada, o professor retomou sua rotina de pesquisas. Seu dicionário já estava na letra P, de pisante, quando ele encontrou na caixa da correspondência um estranho envelope colorido de verde em branco, com uma coroa imperial no selo. Era um convite da Escola de Samba Império Serrano para o carnaval da Marquês de Sapucaí. Dentro do envelope, havia um ingresso com o seu nome para o camarote da diretoria. E uma mensagem manuscrita:

Professor Letrólogo,
O senhor é nosso convidado de honra para o desfile. Por favor, preste atenção no samba-enredo. A onomatopeia é sua!
Atenciosamente,
Ismael

Em situação de normalidade, Ledor jamais pensaria em assistir a um desfile de Carnaval. Nem pela televisão. Mas a frase final da mensagem deixada pelo vizinho fisgou sua curiosidade e seu ego. Onomatopeia? Será que aquele sambista abusado sabia o significado desta figura de linguagem que representa sons naturais emitidos por objetos, pessoas ou animais? E o que eu tenho a ver com isso?

No dia 21 de fevereiro de 1982, o professor Flávio Ledor, de óculos escuros e vestindo uma camisa verde limão recém comprada, acompanhou impassível do camarote a passagem de onze escolas pelo sambódromo. A Império Serrano foi a última a desfilar, já com sol alto. Porém, quando o puxador Quinzinho soltou a sua voz potente, a arquibancada inteira cantou junto:

— Bumbum, paticundum, prugurundum
o nosso samba minha gente, é isso aí
Bumbum, paticundum, prugurundum
contagiando a Marquês do Sapucaí...

Na verdade, o Rio de Janeiro e o Brasil cantaram juntos aquele que, mais tarde, seria considerado o melhor samba-enredo de todos os tempos do país. Com o coração aos saltos, batendo levemente com a ponta do pé no chão, no ritmo da batucada, Ledor começou a chorar. Só parou depois da dispersão, quando o mesmo gordo dos pagodes de São Conrado, fantasiado com as cores da escola, invadiu o camarote, ergueu-o nos braços e aplicou-lhe um beijo lambuzado na testa.



A SÍNCOPE E O PANDEIRO

Celeste Baumann

Foi realizada nesta manhã, no necrotério da polícia, a autópsia do corpo do Delegado Dr. Aníbal Bezerra Clemente. O Dr. Clemente foi a única vítima fatal do delírio coletivo que se abateu sobre os funcionários do plantão noturno da 7.ª Delegacia da cidade, ocorrido na madrugada da última sexta-feira, em Visconde de Itaúna.

O estranho caso, já noticiado com esmero em nossas páginas e nas de nossos estimados colegas de profissão, não convém repetir em amiúdo. Ao ir buscar o depoimento sobre o exame cadavérico, porém, informações privilegiadas foram descobertas e apuradas por este repórter para nossa edição vespertina.

Dr. Paiva, já velho conhecido de nossos leitores por ter cuidado da autópsia das vítimas do acidente com o Bonde de São Januário, recebeu-me em seu escritório com um ar de estafa e confusão.

Perguntei logo se ele havia conhecido o Dr. Clemente em vida, ao que o médico respondeu prontamente que sim. Aconteceu que foram estudantes na mesma época: o Dr. Paiva na Casa de Misericórdia, na Rua Santa Luzia, enquanto o falecido frequentava o curso de Direito na Rua Dom Gerardo, no mosteiro de São Bento. Com frequência os dois rapazes se encontravam no mesmo bar da Rua da Assembleia.

— Já naquela época o Clemente tinha pouca paciência com malandros.

Como fiquei sem entender o motivo de tal comentário, o Dr. Paiva gentilmente apressou-se em esclarecê-lo.

— Todo o caso se deu no meio da noite e foram algumas tantas horas para alguém de fora perceber que havia algo errado. Até lá o *rigor mortis* já tinha se instaurado por completo — disse o Dr. Paiva. — Quando entraram carregando o Dr. Clemente aqui pela porta, o defunto estava segurando o pandeiro na mão.

Confuso, retomei minhas anotações do caso. Nenhum pandeiro tinha sido mencionado pelas autoridades ou pelas testemunhas do ocorrido dentro da delegacia. A maioria sequer se lembrava bem da síncope que sofreu, mas certamente um detalhe tão curioso como aquele deveria ter alguma razão de ser.

— Um pandeiro? — perguntei para ter certeza de não ter ouvido mal.

— Sim, daqueles que usam nas rodas dos malandros e das baianas. É tocado com a mão, assim, veja.

Confesso que me surpreendi que senhor tão ilustre quanto o Dr. Paiva soubesse como manusear um pandeiro, instrumento que os adeptos do samba usavam já fazia alguns anos. Assisti-o manter uma das mãos parada, enquanto a outra fazia um movimento na direção da palma, sem chegar a tocá-la. Era bem similar com o que eu presenciara nas poucas rodas que frequentei a serviço deste periódico. Preferi não fazer nenhum comentário diante da performance do médico e, assim, limitei-me às perguntas que tinha preparado.

— Qual foi a causa da morte?

— Uma moléstia do coração. Quando abri o peito, estava inchado e escuro como nunca vi.

— Algo de estranho no corpo? Fora o pandeiro, quero dizer.

Neste momento, o Dr. Paiva pausou e espiou por cima do ombro antes de me olhar bem fundo nos olhos e responder em voz baixa.

— As mãos estavam cobertas de escoriações púrpuras e as unhas em carne viva, os ossos dos pés foram pulverizados, como se... como se uma multidão o tivesse pisoteado!

A afirmação me deixou perplexo. Todos os relatos anteriores sobre a síncope coletiva, inclusive aquele escrito por este que

vos fala, contavam que o delegado Clemente, um grupo de seis policiais e um escrivão foram encontrados caídos no piso da delegacia, desacordados — e o delegado, morto.

Os frequentadores do boteco na esquina disseram ter ouvido música alta vinda de dentro da delegacia, afirmação ignorada por todos, dado o alto grau de embriaguez das testemunhas em questão. O escrivão foi o primeiro a acordar na Santa Casa na manhã seguinte. Ele afirmou que não se lembrava de nada, e uma vez comprovado estar livre de quaisquer moléstias, foi liberado.

Foi com essa pessoa que me encontrei uma hora após deixar o necrotério da polícia. O escrivão é um rapazote de vinte e tantos anos que atende por Paulo de Almeida Neto. É solteiro e vive com a mãe, uma distinta viúva, em um sobrado na Rua do Riachuelo. Ele estava muito pálido ao me receber no estúdio que pertencera ao seu pai, mas insistiu em conversar comigo sozinho, dispensando a companhia da mãe atarantada.

Ficou muito abalado quando confirmei que o delegado Clemente estava, de fato, morto. O escrivão olhou para as próprias mãos, e notei que nelas havia pequenas manchas púrpuras. Ele me perguntou se tinha visto o corpo.

— Não — admiti. — Apenas entrevistei o legista.

Comecei a contar brevemente o que havia passado no escritório do médico e, quando mencionei o pandeiro, o rapaz soltou um uivo curto e agudo, sofrido, como de um animal no matadouro. A senhora Almeida apareceu na porta do estúdio com os olhos arregalados, mas o filho a dispensou com um aceno, garantindo que estava bem. Eu vi sua mão tremer, mas nunca fui de me meter em assuntos de família. Aguardei a mulher assentir ao filho, a contragosto, avisando que voltaria logo com o café.

— De quem é o pandeiro? — perguntei antes que houvesse uma nova interrupção. — Por que estava na mão do delegado quando encontraram seu cadáver?

Eu tinha mais perguntas, mas percebi que o rapaz não estava me ouvindo. Ele olhava para um ponto fixo ao meu lado, como se perdido em pensamentos. Suas mãos sobre os joelhos se mexiam, mas não tremiam como a princípio imaginei. Não.

Em vez disso, seus dedos se moviam suaves e constantes, e seus pés, pouco a pouco, começaram a se mover no mesmo ritmo. Precisei chamá-lo pelo nome duas vezes para que ele despertasse daquele transe.

> *— Na sexta-feira, 14, às 8 horas e doze minutos da noite, chegou à delegacia Ernesto Mauro da Rocha Guedes, também conhecido como Ernesto Salvador, sambista de roda...*

O escrivão começou a narrar, sua voz rouca e monótona, como se estivesse lendo de um boletim oficial.

> *— O homem vinha reclamar um objeto pessoal que, segundo ele, fora apreendido erroneamente, um presente sentimental de sua madrinha de roda de samba, uma tal de Tia Inês. O objeto apreendido foi descrito como um pandeiro de tamanho médio, nas cores amarela e verde, com o seu nome escrito na parte inferior. Ele explicou que precisava do instrumento com alguma urgência, pois iria cantar e dançar naquela noite, que era noite de festa religiosa.*

A mãe do escrivão entrou no estúdio com uma bandeja, mas nenhum de nós deu qualquer atenção a ela. Meus olhos estavam fixos no rapaz, suas palavras ganhando mais vida ao passo que ele parecia ficar mais pálido.

> *Chamou-se o delegado, que perguntou o que era aquela baderna toda. O sambista abriu os braços, tratou o delegado de doutor, juntou as mãos em reza e pediu para fazer o favor de liberar o pandeiro. Dr. Clemente foi inflexível. Não cedeu nem quando Ernesto Salvador informou que sua tia estava acamada e que o som do pandeiro a ajudaria a se levantar disposta para enfrentar um novo dia. Em vez de se condoer, o Dr. Clemente disse que o pandeiro não sairia da delegacia enquanto ele respirasse. Acrescentou que se Ernesto Salvador fazia tanta questão, ele teria o maior prazer em trancafiá-lo no xadrez com apenas o pandeiro como companhia e processá-lo pela contravenção de vadiagem, como manda o nosso Código Penal.*

A senhora Almeida segurava uma xícara de café, mas o jovem escrivão continuava ignorando a presença da mãe. Pareceu-me que seus olhos não enxergavam nada à sua volta.

> *O sambista insistiu mais um pouco, depois foi embora, cabisbaixo, murmurando algo para si. Tentei decifrar do que se tratava, mas não parecia com nada que já ouvira. Talvez tenha sido uma reza ou um samba qualquer. As horas seguintes correram tranquilas e, quando deu meia-noite, eu estava me preparando para tomar café quando o delegado saiu correndo de sua sala, aos gritos e berros como uma criança.*
>
> *Logo percebi que os olhos do Dr. Clemente estavam do tamanho de pires e ele olhava ao redor como se caçasse um mosquito com um jornal enrolado, mas o que havia em suas mãos era o pandeiro. O mesmo pandeiro que ele não deixou Ernesto Salvador levar. Dr. Clemente sacudia os braços, como se tentasse apagar um incêndio, embora tudo estivesse perfeitamente bem no prédio. Em seguida, começou a dançar, seus pés se mexendo muito rápido a um ritmo que eu reconheci de imediato. E quando pensei que nada mais me surpreenderia, o delegado começou a tocar o pandeiro como se fosse a extensão de seu braço.*
>
> *Os policiais pararam seus afazeres para testemunhar aquela cena estapafúrdia. Dr. Clemente parecia estar vivendo um êxtase quase religioso. Devo confessar que considerei correr até a igreja mais próxima e buscar o padre para nos explicar o que estava acontecendo.*
>
> *Lembro-me de ouvir a voz do delegado se tornar chorosa em dor quando ele começou a implorar para que tudo parasse. Disse que faria qualquer coisa. Seus pés se moviam cada vez mais rápido e quando tentei passar por ele para sair pela porta e pedir ajuda, podia jurar que ouvi os ossos se partirem um a um. Foi logo em seguida que também comecei a dançar, tal como os demais policiais. Tudo ao meu redor se tornou borrado, cores e formas viraram uma coisa só. Antes de desmaiar, lembro-me de ter pensado se iria morrer...*

Após ouvir esse relato, deixei a residência do escrivão e corri em direção ao necrotério da polícia, bem a tempo de pegar o Dr. Paiva fechando o escritório para ir almoçar. Eu estava sem fôlego e o doutor foi gentil o bastante para me oferecer um copo d'água. Assim que consegui me recuperar, perguntei:

— Onde está o pandeiro? O que veio com o defunto?

Por um momento, o Dr. Paiva pareceu muito confuso antes de responder.

— Com os demais pertences do morto. Serão entregues à família assim que liberarmos o corpo para o velório.

Foi difícil, mas com alguma insistência, o Dr. Paiva concordou em me mostrar o pandeiro. Estava dentro de uma caixa com o uniforme e a carteira do delegado. O doutor usava luvas e segurou o instrumento para que eu pudesse observá-lo. Parecia novo; os discos cor de cobre reluziam. Era exatamente como o escrivão o descrevera: amarelo e verde. Pedi que o médico o virasse para que eu pudesse ver se havia qualquer inscrição dentro.

Em letras bem formadas, vinha escrito:

> *Ao estimado delegado Dr. Aníbal Bezerra Clemente. Uma singela lembrança para que se aprenda a apreciar as coisas boas da vida.*

A mensagem não trazia assinatura e quando o Dr. Paiva devolveu o pandeiro à caixa, os discos de cobre tintilaram como um breve suspiro.



SAUDADE

Lucas Naranjo Rodríguez

Las puertas del local quedaron abiertas a primera hora de la mañana, con la llegada de la brisa temprana y el sabroso aroma de los puestos callejeros. Eran tiempos turbulentos y la supervivencia urbana estaba al orden del día, como si nada hubiera cambiado en cinco mil años. Algunos consideraban aquel inmovilismo social y cultural una auténtica aberración, la gran maldición que acarreaba la raza humana, pero a Damião le resultaba un consuelo. Después de todo, no habría podido abrir aquella escuela de no haber sido por eso mismo.

Cuando propuso la idea, todo el barrio aseguró que no llegaría a nada: a fin de cuentas, hacía falta dedicarse a la industria, la robótica o el comercio interestelar para poder prosperar y, con suerte, escapar de aquel mundo retrógrado. Aunque prácticamente nada pudiera distinguir las calles de Río de Fevereiro de las antiguas *favelas*, algunas tradiciones se habían perdido durante el largo éxodo cósmico. Aún se podía salir a la terraza y observar desde las alturas el barrio, mientras se tomaban unos deliciosos panes de queso y una refrescante lata de guaraná, pero aquello no le parecía suficiente. Ni siquiera había vivido los tiempos de la auténtica cultura, cuando Brasil aún se llamaba así: habían transcurrido milenios desde la Gran Catástrofe, una extinción masiva que obligó a sus antepasados a subirse a naves de pasajeros y abandonar el planeta. Los privilegiados estadounidenses y europeos tuvieron la suerte de arribar en los puertos estelares de Nueva Tierra Infinita, un próspero planeta

rebosante de recursos naturales y luz solar constante; su pueblo no corrió la misma suerte, pero al menos encontró un hogar mientras otros muchos perecían de camino a la incertidumbre cósmica.

Neobrasil no era precisamente un paraíso, pero varias generaciones de gente trabajadora habían logrado moldearlo a su voluntad. Los tres soles rojos del sistema solar golpeaban con brío la superficie, convirtiendo las calles en colosales ollas hirvientes durante la tarde. De forma opuesta, las noches eran tan gélidas que parecían inviernos siberianos a pequeña escala. El clima nunca había estado de su lado, pero los recursos supervivientes de la Tierra, la evolución de la cultura y el empeño de la gente correcta habían acabado haciendo del planeta algo digno de llamar "hogar".

Sin embargo, por mucho que las cosas hubieran cambiado, él siempre se había sentido anclado al pasado. Los archivos holográficos de la biblioteca pública preservaban información terrícola intacta, como una enciclopedia viviente sobre la cultura de sus ancestros. Desde pequeño, el incansable Damião había frecuentado el lugar para nutrirse de todos los vídeos, imágenes y demás material audiovisual a disposición del pueblo. No encontró demasiada diferencia en el estilo de la vida, como si los milenios hubieran pasado en vano, pero sí que logró advertir la ausencia de algo.

Y ese algo era el entusiasmo. Un energía salvaje e irrefrenable, una fuerza de la naturaleza manifestada en forma de marchas, versos, aullidos a la luna y danzas incesantes. Un poder oculto en el corazón de cada vástago de Brasil, dispuesto a brotar con la vehemencia de mil soles explotando cuando los tiempos lo exigieran. Aquel había sido el motor de sus ancestros durante siglos, mucho antes de que se embarcaran a través de las galaxias en un viaje en pos de la libertad.

Cuando las cadenas aún pesaban sobre sus hombros y la piel les ardía con el dolor de la extenuación, los ritmos estuvieron ahí. Cuando la malicia inundaba unas calles maltratadas y moribundas, los ritmos estuvieron ahí. Cuando todas las luces se apagaron y las esperanzas menguaban con cada explosión, los ritmos estuvieron ahí.

Entonces, ¿por qué habían desaparecido como si nunca hubieran sido el corazón de su pueblo?

Durante años, Damião había tratado de reivindicar la samba mediante múltiples actividades culturales. Sus joviales ritmos eran justo lo que aquellas calles inundadas de lástima y pobreza necesitaban, pero nunca nadie estuvo por la labor de escucharlo. Trató también de recuperar la tradición por su cuenta, pero no tardó en entender que aquel era un arte colectivo, una manifestación popular en el más rotundo sentido de la palabra. Había tratado de convertirse en el nuevo Zeca Pagodinho, un Fundo de Quintal de un solo hombre, pero parecía imposible que un único soldado pudiera ganar aquella guerra.

A pesar de todo, Damião nunca renunció a sus deseos y siguió adelante con su sueño. Tras decenas de rechazos por parte de las instituciones y algunos decepcionantes consejos empresariales, decidió hacer caso únicamente a su propio espíritu y abrir aquel local. La calle Saudade no era el mejor lugar de Río de Fevereiro para comenzar un negocio (los escaparates quebrados de las tiendas más próximas lo corroboraban), pero no disponía de dinero para permitirse hacerlo en otro sitio. Aun así, el cartel de "TURMA" relucía con orgullo en su solitaria inauguración mañanera. Quizá se oxidara pronto y una pandilla de vándalos lo pintarrajeara hasta la destrucción, pero aquello no era lo que más le asustaba. Sus preocupaciones iban allende lo simplemente físico, como si se sintiera preso de un compromiso con toda la humanidad.

Para difundir el *pagode* y los demás estilos que alguna vez alumbraron la ciudad terrícola, se había armado con todo un arsenal de instrumentos tradicionales. Conseguir auténtica madera no había sido tarea fácil, y su cuenta bancaria había pagado las consecuencias, pero estaba convencido de que acabaría mereciendo la pena. Banyos, cavaquinhos, pandeiros y timbales descansaban sobre las estanterías a la espera de ser usados, con la esperanza de no terminar acumulando polvo en un almacén. Lo tenía todo listo para comenzar a instruir y dar voz a la suprema expresión artística de su pueblo, pero le faltaba algo esencial: clientes.

La gente de aquel complicado barrio tenía mejores cosas en las que invertir el dinero que en sus clases, pero Damião confiaba en que alguien de la periferia acabaría dándole una oportunidad. La mayoría de la gente se preocupaba más por los viajes intergalácticos que por su propia cultura ancestral, aunque la población era lo suficientemente elevada como para que pudiera haber algún interesado. Después de todo, su escuela era la única en todo Neobrasil y nunca se había propuesto nada igual.

Pero, como casi todo su presupuesto había ido a parar a los instrumentos, Damião se había visto incapaz de producir material publicitario. Por tanto, se limitó a pegar algunos carteles (sin el permiso del ayuntamiento y con la esperanza de que nadie se enterara) por diferentes barrios, esperando que el boca a boca hiciera el resto.

De todos modos, y como era lógico, haría falta al menos un cliente para que se corriera la voz.

La escasamente transitada calle Saudade amaneció vacía y atardeció prácticamente igual. La noche no era segura por aquellos lares, pero eso no le asustaba. Ni siquiera reculó cuando vio a una pandilla asomar por la esquina, cosa que entendió como una oportunidad para obtener algunos alumnos. Aquellos cuatro o cinco jóvenes no tenían buen aspecto ni parecían excesivamente amigables, pero ¿acaso se le había presentado algo mejor en todo el día?

— ¡Hola, colegas! — exclamó cuando los vio pasar cerca de las puertas de "TURMA"— ¿Habéis oído hablar de la samba?

A pesar de su descomunal confianza, Damião no podía engañarse a sí mismo: se estaba metiendo en la boca del lobo. No pudo evitar sentirse amedrentado por las miradas de los pandilleros, que lo acecharon como perros de presa a una liebre indefensa.

Aunque, a diferencia de la liebre, él no disponía de toda una pradera por la que escabullirse ni largas patas que lo ayudaran. No contaba más que con su buena voluntad y su elocuencia, aunque esas cosas no siempre servían para salvar vidas.

— ¿Qué es esto? — preguntó uno de los chicos, que se acercó al escaparate para mirar los instrumentos. Había también

algunos carteles que representaban los clásicos bailes y el espectáculo de los carnavales— ¿Cuánto valen esas guitarras?

— Primero, no están a la venta — respondió rotundamente Damião— Y, segundo, son cavaquinhos.

— ¿Cavaqué?

— Cavaquinhos. Son parecidos a la guitarra tradicional, pero la afinación de este último es inferior.

Mientras hablaba (aunque ni siquiera creyó ser escuchado), Damião observó por el rabillo del ojo cómo dos de los jóvenes trataban de adentrarse en el local. Parecían compartir murmullos mientras reían con una sospechosa perversidad.

— ¿Es que queréis apuntaros a la escuela? — les preguntó con falsas esperanzas— Tenemos una oferta por ser el día de la inauguración.

— ¿Inauguración? ¿En serio? — dijo uno de los macarras, casi riendo— Pues esto está a rebosar.

— Voy a llevarme uno de esos cava-como-se-diga — indicó el otro mientras se acercaba al escaparate desde dentro.

— ¿Hace falta que repita que no están a la venta?

— ¿Eh? No he dicho que te vaya a pagar, imbécil.

Aunque había querido creer en la bondad humana, Damião acabó entendiendo que nada era tan fácil en las calles de Río de Fevereiro. Sabiendo a qué se enfrentaba, se interpuso entre el gamberro y su orquesta con tal de preservar aquello que tanto le había costado obtener. Sin embargo, dos chavales más se adelantaron con expresiones que no inspiraban nada bueno. Eran más altos y fuertes que él, y también era probable que fueran armados con puñales retráctiles, por lo que no tenía nada que hacer contra ellos.

— No es necesario que hagáis esto — dijo con voz compungida.

— A callar — comentó el del centro.

Entonces, el macarra se abalanzó sobre el propietario del local. Este trató de eludir sus golpes, cosa que logró en primera instancia. No obstante, no pudo hacer nada por evitar que su puño terminara estampándose contra su rostro. Luego, lo mandó contra la pared de una patada directa al esternón. Los otros dos se mofaron mientras lo veían caer ensangrentado, con

la nariz partida y un ojo hinchándose poco a poco. El agresor ni siquiera le prestó atención, dirigiéndose hacia el escaparate interior para tomar el cavaquinho. Una vez lo tuvo entre sus manos, comenzó a tocar burdamente para hacer reír a sus colegas. Sus ritmos eran desagradables e irracionales, un insulto a sus antepasados y a la cultura que los había engendrado.

— Tío, será mejor que dejes esa cosa donde la encontraste — dijo un cuarto chaval, que apareció por la puerta con las manos juntas y el ceño fruncido— Nos estamos metiendo en un lío.

Pero, como si aquellas palabras hubieran despertado algo indeseable en su interior, el líder de la pandilla se le acercó con desencanto mientras empuñaba el instrumento al estilo de un hacha de guerra. Se colocó enfrente con postura orgullosa, plantándole cara cual toro bravo contra otro macho. Los dos jóvenes restantes repasaban con malicia al opositor, rondándolo como los depredadores que habían demostrado ser.

— ¿Lo quieres? — acabó preguntándole el desafiante jefazo— Toma, es tuyo. ¡Serás gallina!

Al acabar de hablar, usó el cavaquinho para empujar al chaval que se había atrevido a desafiarlo. Este retrocedió, pero logró agarrar a tiempo el instrumento, acunándolo como si se tratara de un recién nacido. Los otros dos le dedicaron gestos obscenos, optando por seguir fielmente a su líder. No parecían tener nada mejor que hacer.

— Vámonos antes de que el flacucho llame a la poli — dijo el jefe, que salió de allí y cerró de un portazo que por poco no rompió el cristal— ¡Otávio, pedazo de cagueta! ¿Vienes o no?

De todas formas, ninguno de la pandilla lo esperó. En cuanto quiso darse cuenta, el chaval se encontró solo en el interior del local junto al propietario herido. El indefenso Damião se hallaba inmóvil contra la pared, la cabeza caída y sangrando por distintos orificios faciales. Su camisa otrora blanca era ahora de un profundo carmesí.

Al volver a reparar en él, el pandillero abandonado se agachó para intentar asistirlo. Sus heridas eran principalmente contusiones, por lo que no necesitaba más que hielo y reposo. Aun así, se las apañó para encontrar en el almacén algunos

paños que lo ayudaron a limpiar la sangre y detener la hemorragia nasal. Su estado no era grave, aunque el *shock* parecía impedirle ponerse en pie.

Entonces, Damião se quedó mirando al visitante con el único ojo que aún enfocaba correctamente. Era más joven de lo que había creído, no mayor de dieciséis años. Lleva un aro dorado en la nariz y un pendiente en forma de cruz, y su vestimenta correspondía a modas de más allá del planeta. Era la viva imagen de la juventud de Neobrasil, aunque su actitud parecía demostrar que no todo estaba tan perdido como había llegado a creer.

— Otávio, ¿v-verdad? — musitó Damião entre incómodos carraspeos.

— Sí — respondió el chico, que aún sostenía el instrumento.

— Acércame el cavaquinho, por f-favor.

Con algo de incertidumbre, Otávio se colocó de rodillas para ofrecérselo al propietario del local. Este lo tomó con una delicadeza ejemplar, como si los temblores del *shock* hubieran desaparecido y ni una sola gota de sangre ensuciara su cuerpo malherido. Entonces comenzó a acariciar las cuatro cuerdas de tripa del instrumento, forjando rápidamente una melodía repetitiva pero adictiva. No era un gran maestro, y ni siquiera llevaba mucho tiempo practicando, pero sus ritmos eran un soplo de aire fresco. Así fue como su joven invitado quedó totalmente prendado de una música nueva para sus oídos. En aquel fugaz instante de paz, alumbrados por una pequeña luz parpadeante en la negra noche, todo pareció marchar correctamente. El sueño terminaría, como siempre hacía, pero el recuerdo prevalecería.

Acto seguido, Otávio se irguió y se dirigió hacia el repertorio de instrumentos. Damião no cesó su melódico paseo del Re al Do, totalmente concentrado en su lírica interior, pero aun así no perdió de vista al chico.

El joven se colocó ante la zona de percusión y tomó un pandeiro del tamaño de su cabeza. Lo observaba como si le generara dudas, pero al mismo tiempo se entreveía confianza en su mirada. Terminó sentándose enfrente de Damião, las piernas cruzadas y el rostro en relativo sosiego.

— ¿Sabes usar eso, chico? — le preguntó Damião con su voz quebrada.

De nuevo, Otávio se quedó mirando el pandeiro. Algo tan simple le resultaba increíblemente grande, como si un universo morara en su superficie de cuero y madera.

— Mi abuelo me enseñó una vez grabaciones de nuestros antepasados — admitió mientras comenzaba a zarandear rítmicamente el instrumento— Tenían algo similar, aunque estaba pegado al suelo y se sentaban encima para tocarlo — flechó al propietario con la mirada. En sus iris castaños solo se reflejaba entusiasmo.

— Creo que lo llevo en la sangre.

— Pues demuéstramelo.

Entonces, en aquel rincón, un ocurrió milagro. Las primeras caricias al cavaquinho vinieron acompañadas de tribales ritmos del pandeiro, que enseguida se agilizaron para adaptarse a la frenética marcha de la samba. Los zarandeos de Octávio eran torpes e inexpertos, precisamente como los de quien se limitaba a la observación, pero en su adaptación se revelaba deseo de aprendizaje. Descubrió pronto cómo acompañarlo, acomodándose a la cuerda para encontrar su lugar oportuno.

Pero no fue hasta darse la absoluta simbiosis instrumental que Damião se permitió introducir la lírica. Su voz se convirtió en un coro individual con sus profundos cánticos, limitados a continuar oralmente los ritmos del cavaquinho. Más tarde entraron los versos, rápidos y letales como una víbora desértica. Todos los poemas que había escrito durante la juventud se materializaron en aquel preciso instante, entremezclando estrofas de unos y otros para confeccionar los sonetos perfectos. Encajando cada palabra en el ritmo adecuado, la música empezó a cobrar un significado nuevo. Las gotas de sudor impactando contra la madera, la sangre deslizándose con cada rasgueo, los jadeos que permanecían como una cadencia en el aire. De pronto, todo aquello que siempre careció de sentido comenzó a refulgir como el sol naciente. Lo que alguna vez fue fracaso se tornó esfuerzo; aquel era el fruto de sus ambiciones, la primera victoria tras tanto dolor.

Entonces, los ritmos que los dos músicos compartían se aceleraron como encaminados a su propia autodestrucción. Los dedos de ambos comenzaron a sentir la extenuación del atardecer, un recordatorio del predestinado final de todas las cosas. Incapaz de continuar siguiéndolo, Otávio se rindió y terminó con un golpe preciso contra el eje del pandeiro. Y, para culminar aquel espectáculo, Damião rasgó las cuerdas con la elegancia del águila y el brío del jaguar y ahogó su voz con un verso moribundo. El silencio no tardó en hacerse cuando alzó la cabeza con el eco final, deleitándose con aquellos instantes de vacío. Aquello era exactamente lo que había estado buscando durante tantos años.

— Dime, Otávio, ¿por qué te juntas con esa gente? — le preguntó al chico cuando dejó el cavaquinho a un lado. Se sentía exhausto pero satisfecho— No te merecen.

A pesar de que aún le costaba asimilar lo que había ocurrido, el joven logró contener su inmarcesible sonrisa y dejó el pandeiro sobre su propio regazo. Tenía el rostro inundado de un sudor fresco y espléndido.

— No hay más entre lo que elegir — admitió mientras se recogía el flequillo, ahora aplastado sobre su frente húmeda— Son tiempos difíciles. Hay que sobrevivir.

— ¿Seguirás viéndolos?

Entonces, devolviéndole el pandeiro, Otávio se incorporó torpemente. Estuvo a punto de tropezar debido al cansancio, pero salvó la situación apoyándose contra la pared.

— No lo sé — dijo— Puede.

— ¿Y volverás por aquí?

A lo que el joven sonrió como quien acababa de encontrar la razón de su vida y dijo:

— No lo sé. Es probable.

Entonces, avergonzado, pero profundamente feliz, Otávio se dirigió hacia la puerta dando tumbos. Salió sin mirar atrás, sumiéndose en la oscuridad de la noche y dejándolo solo. A pesar de todo, Damião sentía que ya no tenía motivos para sentirse así. Después de todo, estaba convencido de que nada volvería a ser como hasta entonces. Espíritus familiares y recuerdos de cosas que nunca llegó a vivir comenzaron a rodearlo en su sueño

febril, un instante de ilusión y esperanza por lo que aún estaba por llegar. Por primera vez, el futuro parecía prometedor.

En su gozo interior, recordó un viejo proverbio terrícola: "salva una persona y salvarás el mundo".

Pero él estaba convencido de que la música podría salvar al universo entero.



A MULHER-LUA, O BÊBADO E O MAR

Cátia Porto

Os pés esfolados mal tocaram a água fria e salgada da praia de Copacabana e um arrepio profundo lhe tomou, de assalto, o corpo. Estremeceu. Foi como se o sal, ao se entranhar na carne ferida, pudesse despertar algo adormecido no mais remoto canto de sua alma. Uma onda bateu com força na areia. Um susto. E o costumeiro medo. Fugiu.

Quase sentiu vontade de desistir de tudo. Quase...

Olhou ao redor. Ainda esperava que ele viesse buscá-la. Na mão esquerda, trazia as sandálias plataforma, altíssimas, responsáveis pelo estrago nos pés. Na direita, o adereço de cabeça da sua fantasia de destaque na escola de samba do coração. Plumas e paetês graciosamente arranjados, formando uma mistura celestial de cores e brilhos para contar um enredo que conquistaria público e jurados.

O corpo suava por baixo do vestido branco de lantejoulas, quente demais para o mês de fevereiro, ainda que já fosse madrugada. Mas era o adereço da cabeça que mais a incomodava. Apesar de não ser tão pesado ou grande, dificultava-lhe os movimentos, o samba no pé. Precisou aprender a executar uma coreografia diferente, para contar, com gestos delicados dos braços e do corpo, uma história de amor impossível. De repente, deu-se conta da própria história: a que ainda estava acontecendo e a que estava por acontecer. Um aperto no peito, um pressentimento. Um gosto amargo de despedida.

— Olha, olha! — uma senhora apontou para ela, comentando entre as amigas. — Não é aquela famosa que desfila todo ano? Aquela...?

— Quem?

— Aquela ali... esqueci o nome...

— Ah, sim! — disseram, seguindo em frente.

— Era mesmo um estouro na avenida!

Da trajetória de passista, queria guardar apenas as doces recordações. Houve um tempo em que desfilava sambando no asfalto. Era aclamada. As câmeras a perseguiam e ela se via nas reportagens das revistas e na tela da televisão. A exuberância da sua beleza negra captada em belos closes. Pouca roupa, muitas formas e curvas para mostrar. "Um mulherão", diziam. Mas só ela sabia que, através do samba, fugia da fome para a fama.

Foi assim que conquistou o seu homem. *Seu*, na verdade, era apenas um modo de falar. Casado, ele avisou logo que nunca iria se separar da esposa. "A família sempre em primeiro lugar", ela o ouvia dizer, numa sinceridade resoluta e brutal, que, com o tempo, foi aprendendo a aceitar. Ele era, então, o novo e jovem presidente da escola de samba da comunidade e ela, sonhadora, ambiciosa e iniciante na arte da sedução.

Uma outra onda quebrou aos seus pés, molhando a barra do vestido quase até os joelhos. Ficou ainda mais difícil se movimentar com a roupa colada às pernas, pesada de água salgada. Afastou-se da beira e, na areia, bem perto dela, depositou, cuidadosamente, as sandálias e o adereço de cabeça.

— Vamos esperar só mais um pouco — sussurrou para suas coisas.

Aproximou-se da água novamente, molhou as mãos e passou-as pela nuca, por baixo dos longos cachos negros, para aliviar um pouco o calor. Uma sensação que piorava devido aos calores que vieram na época da menopausa e teimaram em ficar. *Envelhecer é uma grande merda*, ela achava, *principalmente pra gente que é mulher.* Lembrou-se dele, quase dez anos mais velho, desfilando, todo prosa, ao lado da nova namoradinha.

Mas e eu, sozinha aqui na praia, no lugar que sempre foi nosso ponto de encontro? Que será de mim, sem ele? Resistia. Amante por

trinta longos anos, ainda cultivava no peito a esperança de que o seu homem se arrependesse e voltasse para ela. E sofria.

— Olha a sereia! — Uma criança bem pequena gritou ao lado, imaginando que a barra molhada do vestido fosse uma cauda de peixe. — Será que ela vai entrar na água?

— Não, é Iemanjá — outra menininha disse, olhos arregalados, cheios de admiração, vendo o vestido de lantejoulas brancas, brilhando debaixo da lua prateada.

A mulher ouviu, mas não olhou na direção das crianças. *Pra quê*? Talvez não resistisse ao ímpeto de explicar que não era nem uma coisa e nem outra. *Gostava tanto de crianças, mas ele não quis filhos, dizia já ter aborrecimentos suficientes em casa*.

— Filho estraga a mulher! — ele garantia, a língua afiada, tão sincera quanto os pensamentos. — Olha a outra lá em casa, que bagulho ficou! Quer ficar assim?

Ela não queria e, por isso, não discutiu. Além disso, a vida era boa naquela época e acostumar-se com tudo era fácil. Viviam do samba, do carnaval. Na comunidade, o posto de amante dele lhe dava prestígio e a mantinha ocupada, enquanto a esposa ficava em casa, cuidando dos filhos e da vida doméstica. Uma espécie de acordo silencioso...

— Cuidado! — Uma moça que acompanhava um grupo de gringos, barulhentos e aparentemente embriagados, apontou para algo distante. — Tá perigoso, hein!

— Quê?

— Bandeira vermelha! Não entra não. É ressaca.

— Ah! — Ela olhou na direção indicada, mas não viu nada. Estava sem seus óculos e as lentes de contato sempre a incomodavam. — Obrigada por avisar.

— Por nada. — E seguiu em frente, ao lado dos homens altos, de cabelos dourados.

A mulher tocou a água com os pés novamente. O contato agora já não lhe pareceu mais tão doloroso e frio como antes. Era até agradável, refrescante. Seria um convite, se as ondas não aparentassem tanta hostilidade, como se quisessem afastá-la dali. *Por quê?*

Ela conhecia muito bem aquela praia. Cresceu ali perto. Tinha, no entanto, pavor de entrar na água. Desde cedo, a mãe

lhe dizia para ficar distante das ondas, pois o mar era coisa traiçoeira. *Coisa traiçoeira é homem*, pensou, aborrecida. Já naquela época, os homens eram tão perigosos quanto o mar. Se a mãe ainda estivesse viva, ela faria questão de lhe dizer: *Coisa traiçoeira sempre foi homem, porra*! Nunca entendeu esse cuidado excessivo da mãe e ficou traumatizada. *Queria tanto saber nadar...*

A praia ainda estava movimentada. Muitos aproveitavam a brisa fresca que soprava do mar, mas poucos se aventuravam entre as ondas, apesar do calor. Alguns foliões, ela sabia bem, dormiriam na areia mesmo e só despertariam pela manhã.

Um rapaz surgiu, de repente, vindo de algum lugar. Chegou quieto, sozinho, deixando-se cair sentado, próximo ao local onde a mulher tinha depositado as partes da sua fantasia. Ela não pôde evitar sentir uma certa apreensão. Tanta violência na cidade! Ele percebeu a preocupação dela e se afastou um pouco. *Por que será que sempre suspeitam de gente como eu?* Queria só paz. *De desconfiada, já basta a vida!*

Depois, os olhares deles se cruzaram, uma, duas, três vezes. Ela disfarçou, altiva. Ele abriu uma garrafa de cachaça. Tomou um gole. Depois outro. E outro.

— Quer? — perguntou. A bebida finalmente lhe deu a coragem que precisava para falar com a mulher. Era tímido, além de solitário. — É da boa!

— Não, obrigada!

Se fosse outra bebida, talvez ela até ficasse tentada a aceitar, naquele momento. Mas considerava cachaça algo forte demais. No gosto e na memória. Quando era criança, via o pai tomando a sua *purinha* diariamente. Ela não tinha boas recordações do pai, nem do cheiro dele, que ficou grudado na pele delicada da menina já virando mocinha. O cheiro do álcool ficou entranhado no nariz dela, até o dia em que teve coragem e contou tudo para a mãe, que expulsou o companheiro de casa.

Olhou novamente para os lados, para trás. Nada...

— Coisa traiçoeira é homem — murmurou, pensando alto. — Sempre foi.

— Tá falando comigo? — ele sorriu, estendendo-lhe a garrafa de cachaça. — Vai um trago! — insistiu. — É da boa!

Ela estava prestes a recusar de novo, mas, não soube bem o porquê, pegou a garrafa, sentou-se e virou um gole grande. O líquido desceu rápido, queimando-lhe a garganta, fervendo tudo por dentro. Segurou um acesso de tosse, devolvendo depressa a garrafa.

— Ei! Devagar, moça! — Ele riu. — Já vi que não tem costume.

— Não... — ela mal conseguia falar.

— Deve só tomar bebida de granfino.

A mulher sorriu. Era verdade. Gostava de um bom vinho e de champanhe. Estava mal-acostumada. Às vezes, uma cervejinha gelada até descia bem. *E agora, o que será de mim? Cachaça e pão com linguiça num pé sujo da esquina. Que decadência!*

Uma lágrima desceu pela face. Talvez fosse apenas o efeito do destilado ainda lhe queimando as entranhas, fazendo subir a quentura ao rosto. Talvez fosse consequência do medo. Tinha dado um ultimato ao seu homem. *Vou embora para sempre, se você não vier me ver logo!* Olhou para trás, vasculhando a areia com o olhar, à procura...

— Tá esperando alguém? — ele quase se levantou. — Eu tô atrapalhando, moça?

Ela disfarçou o espanto ao ouvir novamente o "moça" e fez que não com a cabeça. *Um homem gentil com as palavras.* Sorriu, desacostumada a certas gentilezas.

— Eu até estava esperando alguém, mas acho que ele não vem mais.

Ficaram olhando as ondas quebrando ao longe, as pessoas passando por eles.

— Que fosse eu, não deixava você esperando... — ele disse, depois de mais um gole para tomar coragem. — Deixar uma moça tão linda esperando é um crime.

Ela sorriu novamente. Era bom ouvir essas coisas outra vez. Mesmo que fosse só por uma noite, mesmo que não fosse verdade. Era bom ouvir.

— Você é comprometido?

— Quisera eu.

— Por quê?

— Não sei. Não dou muita sorte no amor.

— Ah!

Nem eu, ela pensou em dizer, mas calou-se. *Que boba!* Sofrer por um homem que nunca foi realmente seu. E nunca foi fiel. Além da esposa em casa, tinha seus casos. Muitos! Seria impossível suportar, se não o amasse tanto. Se não tivesse se tornado tão dependente emocionalmente dele, teria feito algumas exigências. Mas ele conhecia suas fraquezas e anulava suas vontades, ameaçando deixá-la. O jeito foi aceitar tudo, engolir o ciúme, a mágoa, a humilhação. O abuso. Achava que era castigada por ter desejado um homem casado. Castigo por gostar tanto do carnaval e por querer ser famosa.

— E você? É comprometida?

— Não mais...

Ele deu uma risada gostosa, satisfeita. Parecia ganhar confiança. Ela o olhou de soslaio. *Devia ser bem mais moço que eu... uns vinte ou trinta anos, quem sabe...*

— Nós dois sozinhos no carnaval... — ele começou a dizer, mas perdeu a coragem.

Quando jovem, sua beleza era venerada pelo seu homem. Depois, o tempo foi passando e levando embora o frescor natural da pele, as carnes firmes, as formas perfeitas.

Envelhecia, apesar de todos os cuidados que a vaidade exigia. Envelhecia, assim como a esposa dele. E o via cada vez mais distante de ambas. Então, precisou usar outros artifícios para segurá-lo ao seu lado. Inteligência, determinação e muito trabalho no que ele mais gostava. A escola de samba era a vida deles. E foi lá que ela se tornou imprescindível, como a esposa o era em casa. Conseguiu ainda atravessar muitos anos assim. Sabia que outras mulheres apareciam e iam ficando pelo caminho, casos passageiros, sem importância. E, em silêncio, a cada traição, morria um pouco.

— Você tava lá no Sambódromo? — O rapaz perguntou, apontando para as coisas arrumadas ao lado dela na areia. — Desfilando?

— Sim.

— Tem o desfile das campeãs, se ganhar...

Neste momento, um brilho passageiro de empolgação iluminou o rosto dela. Morreu, logo em seguida. A expectativa da

vitória misturou-se à imagem de si mesma, abandonada, traída, sozinha. Imaginou seu homem e a namoradinha, juntos, aos beijos, comemorando na quadra, no Sambódromo. *Por que ele, já velho, foi se apaixonar?*

Contaram-lhe que a esposa não aceitava o divórcio. "Ele comeu a carne, agora vai roer os ossos!" Sentiu pena. Ter de impor a sua presença era algo terrível num relacionamento. Jamais faria isso. Tinha lutado a vida toda por ele, usado os mais diferentes recursos, mas o orgulho a impedia de rastejar. *Prefiro a morte!* Queria, sim, ficar junto, mas por livre e espontânea vontade do seu homem. Por amor, por necessidade, por comodismo, por aparência. Por pena, até. Mas constatou que ele não sentia nada disso. Trinta anos juntos e tudo o que sobrou foi um "a fila andou, meu bem, a fila andou." Seu homem era um amante da beleza e da jovialidade feminina. E ela havia passado do ponto fazia tempo. Era triste constatar isso, mas era a pura verdade.

— Coisa traiçoeira mesmo! — ela murmurou, olhando em volta, procurando...o quê?

— É bonita a sua fantasia. — a voz do rapaz já estava amolecida, quando começou a cantarolar o samba-enredo da escola dela. — É de quê?

— O quê?

— Sua fantasia.

— "E a lua se fez mulher", ou algo assim...

— Hã! — ele ficou pensativo, tentando entender o que significava aquilo. — Eu acho você ainda mais bonita que a lua, com todo respeito.

Recebeu a cantada com lisonja. Olhou o homem de soslaio. Jeito caipira. Maltratado. Pobre. Mas, cordial, tímido, carente. Talvez desse um bom marido para quem não fosse muito exigente, tivesse poucos luxos. Uma casinha simples, um monte de filhos...

— Você tem filhos? — ela não conseguiu controlar a curiosidade.

— Tenho não. Você?

— Não.

— Faz falta, eu acho.

— Talvez...

— Sempre é tempo pra uma moça tão bonita... — ele falava com a língua cada vez mais enrolada —, não deve faltar quem queira formar uma família.

Ela deu uma gargalhada sonora. *Será que ele está zombando de mim? Ou realmente ainda não percebeu?*, pensou, divertida. *Sessenta anos e ainda engano bem a idade!* Riu, de novo, achando que aquele devia ser o último homem inocente do mundo.

Pensou em como seria recomeçar a vida ao lado de alguém como aquele rapaz ali. E apenas viver cada dia, trabalhar para comer, cuidar dele e da casa. Talvez essa fosse a verdadeira felicidade. Fazia pouco tempo, achava que era feliz; mas agora, repensando todo o sacrifício que fez, tudo o que teve de abrir mão, soube que não podia haver felicidade numa vida de tantos abusos e mágoas. Suspirou, vendo o vestido sujo de areia e os pés esfolados. *Estava cansada de fingir, cansada de viver de aparências*.

— Carnaval é só uma ilusão mesmo — ela sussurrou —, uma grande ilusão.

— A vida toda é uma ilusão, moça.

Ela olhou em volta. Seu homem não viria mais, ela sabia. Era inútil a espera. Chegaram ao fim. Suspirou, olhando o mar, as ondas. *Preciso fazer algo por mim. Reagir.*

— Daqui a pouco o dia vai raiar. — Ele apontou a garrafa quase vazia para o horizonte, que já começava a ganhar reflexos rosados. — Outro dia quente... quer nadar?

— Adoraria, mas não sei nadar.

— Eu posso ensinar, mas é que esse vestido vai atrapalhar muito.

— Quê? — Ela arregalou os olhos para ele. — Não acredito!

— Não, não! — Ele percebeu a confusão. — Não quis dizer pra tirar, não, por favor. Se a moça não tiver outra roupa por baixo, melhor nem entrar na água mesmo! — Gaguejava, sem graça. — Sou um homem respeitador. Jamais que eu ia pedir isso!

— Ah, bom! — ela riu. — Pensei...

Ficaram em silêncio, olhando as ondas novamente. Ele, ainda meio envergonhado.

— Mas a gente podia tomar café juntos ali na padaria da esquina, assim que ela abrisse as portas.

— É, acho que você precisa de muito, mas de muito café mesmo!

Os dois caíram numa gargalhada gostosa. Olharam-se e riram novamente. Era tão fácil ficar ali! Deitaram-se na areia e permaneceram em silêncio, olhando para o horizonte, esperando o sol nascer, desejando que aquele momento nunca acabasse.

— O que a Mulher-Lua faz quando o sol nasce?

— Mulher-Lua!?

— É, essa sua fantasia aí!

— Boa pergunta!

— Eu tenho o dia todo livre. E a noite também, se quiser companhia.

— Dia livre... — ela repetiu, pensativa. — Liberdade deve ser uma coisa boa...

— Ué! Você não é livre!?

— Quem é livre, afinal?

— Eu sou! — ele fez um gesto largo, abrindo os braços. — Eu sou muito livre! Muito!

— Então, eu também sou livre agora! — ela gritou. — Muito livre!

— É bom se sentir livre, não acha?

— É, mas dói. — Olhou para trás, pela última vez. — Estou cansada de doer...

— A vida dói, moça. O mundo dói. Tudo dói. — Ficou sério. — Dói muito mesmo.

Ficaram em silêncio. Ela, imersa em pensamentos. Ele, entorpecido pelo álcool, a visão turva dando a impressão de que a mulher ao lado ficava translúcida com os raios do sol. Será que estava sonhando? Tinha trabalhado o dia todo na obra, fazendo bico. Quase 24 horas acordado. Relaxou, fechou os olhos, só para descansar um pouquinho...

— Está calor —disse ela, após alguns minutos. — Daqui a pouco a praia vai estar cheia de surfistas. — Animada. — Se você ainda quiser me ensinar a nadar agora...

Não houve resposta. Só então, percebeu que o rapaz dormia profundamente. Controlou o ímpeto de acariciar seu rosto, chamar por ele. *Que nome teria?* Sentiu vontade de levá-lo para casa, enchê-lo de cuidados e mimos. E amor. *Seria tão bom...*

Decidiu molhar os pés novamente, o rosto, enquanto ele ainda dormia. Tentou desabotoar o vestido, fechado nas costas. Não conseguiu. *Pudera, tanto pano!* Mesmo em casa, precisaria de ajuda para despir-se. Olhou para o rapaz, já sonhando com o toque das mãos calejadas.

Foi até a beira da praia. A água, refrescante. *Bobagem ter tanto medo do mar*, pensou. E se aventurou um pouco mais, até os joelhos. *Que delícia! Devia ter feito isso antes!* Estava feliz, subitamente entusiasmada com o futuro, querendo viver novas experiências. Sem pensar, abaixou-se para molhar o corpo, mas a roupa encharcada ficou pesadíssima. De repente, uma onda, depois outra. Desequilibrou-se, caiu e, em instantes, foi engolida pelo mar.

— Viu a sereia!? — a criança gritou, vendo a mulher dentro das ondas. — Lá longe!

— É Iemanjá! — a outra teimou, enquanto o vestido branco desaparecia nas águas.

Quando o rapaz acordou, finalmente, o sol estava a pino. Ele não viu mais a mulher, nem a fantasia dela. Procurou-a pela areia, pelo calçadão, na padaria da esquina. Foi até a quadra da escola de samba, descrevendo a moça que conheceu como Mulher-Lua. Riram dele, achando que tinha conversa de bêbado. Ele insistiu. Foi expulso de lá. *Talvez a Mulher-Lua tenha sido apenas um sonho mesmo,* lamentou. Foi embora, pensando que, se tivesse outra garrafa, quem sabe, com sorte, voltaria a sonhar com ela...



TERÇA-FEIRA DE CINZAS

André Albuquerque

O auxiliar de portaria me encarou, tirou a bolsa de lona de uma prateleira, abriu-a e retirou o seu conteúdo: uma chave, um par de sapatos e um cinturão de couro, uma carteira, um telefone celular, uma caixa de óculos, uma carteirinha da Ordem dos Advogados do Brasil e um relógio. Empurrou tudo com as duas mãos para mim sobre o balcão que nos separava. O seu crachá reluzente indicava que era novato no serviço.

Evitava contato visual com os presos, até mesmo com aqueles que cumpriram a pena e voltavam para o vasto mundo lá fora. Percebi seu constrangimento quando devolveu os objetos de Hélio e Amarildo, libertados meia hora antes de mim. Guardei tudo na bolsa e agradeci. Orlando Barbosa, dizia o seu crachá com o plástico cheirando a novo, sua foto colorida e o código de barras; usava sapatos engraxados e um bigode bem aparado nos cantos, que me fez lembrar um sargento instrutor dos meus tempos de serviço militar.

O uniforme em brim azul do Serviço Penitenciário Estadual estava limpo, e as calças bem vincadas, ao contrário dos seus outros colegas. Conferiu o horário no relógio de pulso, e anotou no formulário a entrega dos meus bens, custodiados pelo estado do Rio de Janeiro durante doze anos. Retirou da minha carteira duas notas de dez reais e minha licença de motorista, vencida havia cinco anos. Fez um xis no rodapé de um formulário e pediu que eu assinasse, confirmando o recebimento.

Assinei enviesado e devolvi o papel, que ele depositou num escaninho, fixado na parede atrás dele.

— Gosta de carnaval, doutor Gilberto Paulo? — perguntou Orlando.

— Já gostei mais, novato. Não sei por que, resolveram me soltar logo hoje. Estou cagando e andando para o carnaval. De qualquer forma, muito obrigado por não evitar me encarar e me tratar de doutor e pelo meu nome completo. Adeus e boa sorte no novo emprego. Espero que não venha a precisar dos meus serviços, mas o futuro a Deus pertence. Tenha um bom dia.

Puxei a caneta bic do bolso da camisa e anotei o número do meu celular numa tira de papel, que deixei sobre o balcão. Ele corou, atirou o papel na cesta de lixo, retribuiu meu cumprimento e ajeitou o 0.45 no coldre na cintura. O tratamento educado que me dispensara tinha a ver com minha condição de advogado, que orientara ali, em Bangu I, muitos brucutus ignorantes de pai e mãe, que passavam uma temporada no inferno em minha companhia. Alguns davam sorte: seus advogados usavam minhas sugestões, e seus clientes davam o pinote rapidinho. Outros, os malucos assassinos, eu os ajudava para salvar minha barriga do estilete quando rolava um motim lá no refeitório por causa daquela gororoba que serviam, que dava engulho até em urubu. Aí, os caras terminavam despachando três a quatro almas sebosas para os quintos dos infernos.

Na saída, acenei para Terto, vigia do portão de saída do turno da manhã. Acendi o meu primeiro cigarro do dia. Por um momento, senti-me esquisito ao olhar ao redor e não enxergar quatro paredes. Caminhei um pouco até a parada do ônibus, que me levaria até a estação do metrô. Aboletei-me no banco, e percebi uma senhora idosa, de olhar assustado, que puxou para perto de si um menino de uns nove anos de idade, com a cara tracejada de batom e balançando um saco de confete, com o qual, entre risadas, batia na cabeça da velha. A mulher sussurrou no ouvido do garoto, ele me olhou e depois se aquietou, evitando me encarar.

Penitenciária Laércio Costa Peregrino, vulgo Bangu I, onde peregrinei por todos os círculos do inferno dantesco brasileiro.

Ao longe, o barulho das músicas das troças que percorriam a General Maurell. Ouvia os escapes abertos, estourando tímpanos e animando a rapaziada, provavelmente dirigidos por motoristas bêbados e sujos de talco. Uma caminhonete velha sem capota e cheia de gente, que conseguia rodar por milagre, passou em frente da parada do ônibus; da boleia, um cara de sunga prateada e cheio de trejeitos lançou-me beijinhos. Respondi com um adeus, ele baixou a sunga, virou-se e inclinou a bunda em direção à parada do ônibus. A idosa tapou com as mãos os olhos do garoto, mas ele riu e xingou o cara de bichona louca. Eram nove horas da manhã e o carnaval retomava o ímpeto. Para mim, começara naquela hora. Peguei o ônibus, desci na estação do metrô, e após uma hora chacoalhando num vagão fedorento e lotado, cheguei ao centro da cidade.

A paisagem urbana até que não mudara tanto durante o meu período de reclusão. A diferença era a animação das troças que passavam pelas ruas centrais. Uns três grupos que cruzaram o meu caminho me deram banhos de talco e riscaram meu rosto de batom, entre gritos de "tá perdido, filho da puta?", por conta de minha presença vestido daquele jeito, no dia, hora e local errados.

Subi num ônibus que passava em Madureira e desci na frente do prédio onde morei durante seis anos. Não encontrei nenhum dos antigos vizinhos. As pessoas passavam por mim e não me encaravam, porque era carnaval, época em que cada um levava bem a sério o cuidar de sua própria vida. Saquei a chave do meu antigo apartamento e entrei. Tudo estava limpo e arrumado, o piso lustroso, cheirando a desinfetante, os móveis receberam um polimento e o frasco de lustra-móveis, ficou esquecido sobre a televisão. A minha irmã Eliane avisara que ia dar uma geral no apê, quando soube do dia da minha libertação. Ela deixou um bilhete em cima da mesa, desculpando-se por não poder me esperar, pois não estava a fim de carnaval e ia viajar com o esposo e meus dois sobrinhos para a casa dos cunhados, que moravam em Mangaratiba, perto do mar.

A geladeira estava abastecida de cerveja e sobre a mesa da cozinha, repousava uma tigela de pastelão de frango, ladeada por um envelope contendo os cartões de crédito e de débito

de minha conta bancária, ambos em nome de Eliane Paulo dos Santos, e as senhas anotadas em ordem inversa, conforme combinamos. Sob o jarro de louça de centro, um monte de correspondência.

Peguei uma cerveja na geladeira, sentei-me no sofá e, entre um gole e outro, comecei a examinar a papelada. A maioria, contas a pagar: débitos cujo pagamento fora suspenso pela minha prisão. Ganhara um tempo para respirar, antes de voltar a ser alvo dos meus credores. A radiola continuava no mesmo lugar com os discos de Tim Maia e Gal Costa dividindo o espaço sobre a tampa do toca-discos. Uma verdadeira relíquia, ao lado do três em um, também obsoleto.

Entrei no quarto. Abri o guarda-roupa, provei algumas calças e camisas, e constatei que a balança da prisão estava correta: vesti as roupas sem dificuldade. Passei a mão pelas lapelas dos paletós, e encontrei um broche da OAB que enferrujara, cravado no tecido do paletó cinza-escuro, meu predileto nas refregas do Fórum. A camisa que eu costumava vestir com esse terno tinha uma nódoa amarelada na manga direita. Vestia aquela camisa quando matei Liberato Pascoal com seis tiros. Ele estava nu, deitado na minha cama, ao lado da minha Wilma, que puxou o lençol sobre a cabeça quando adentrei o quarto. Vergonha ou reflexo de proteção contra as balas que disparei contra o seu amante? Nunca entendi aquele ato imbecil. Depois, abraçou a cabeça do cara e chorou de medo ou desespero, penso eu. Lembro que fiquei parado no meio do quarto, com a arma fumegante. Wilma se levantou da cama, suja do sangue de Liberato e me esmurrou o peito, sujando minha roupa com sangue daquela alma sebosa. Tentou me esbofetear, mas não conseguiu.

Não dei trabalho às autoridades. Desci ao térreo de elevador e caminhei os dois quarteirões que separavam meu apartamento da Delegacia de Polícia do bairro. Entreguei minha arma e confessei meu crime a Clóvis Bocão, comissário de polícia e companheiro das peladas de sábado à tarde e das muitas rodadas de cerveja. Fui a júri popular, a promotoria pediu vinte e um anos de prisão, mas o juiz arbitrou doze anos pelos meus "bons antecedentes e privação de sentidos, crime

cometido sob impacto de forte emoção", tese sustentada pelo meu advogado, que fez sentido para os três jurados que votaram pela minha absolvição, naquele final de tarde de mil novecentos e noventa e dois.

O calor do Fórum evocava a antessala do inferno por conta daquela refrigeração fuleira que eu enfrentara tantas vezes, defendendo minha clientela pé de chinelo, formada por marginais de baixa periculosidade, falsários, contrabandistas, agiotas e cafetões, a maioria gente do interior, que viera tentar a sorte na capital, mas encontrara o azar em cada esquina e guarida no crime fácil.

Abri a janela, acendi um cigarro e assisti ao desfile das escolas do segundo grupo, durante algum tempo. Seis da noite, e eu de bobeira numa terça-feira de carnaval. Tomei um banho, vesti uma bermuda jeans velha e confortável. Comi duas porções de pastelão acompanhadas por duas cervejas. Pensei em dar uma saída, ver a festa de perto, sentir-me novamente no mundo dos vivos. Lembrei de uma fantasia de Pierrot que usara durante muitos carnavais, brincando no Cordão do Bola Preta ao lado de Wilma, fantasiada de Colombina. Abri armários e um guarda-roupa atulhado de trecos, heranças da minha ex.

A animação surgiu, quando encontrei minha fantasia dentro de uma caixa de papelão das Lojas Brasileiras. A roupa estava em bom estado e vestia bem com meu peso atual. Na televisão, uma repórter desgrenhada fazia a cobertura do carnaval de rua e a música de fundo era "A jardineira". Peguei uns trocados na carteira. Por questão de segurança, peguei a minha faca de lâmina serrilhada, que havia usado em muitas pescarias em Mangaratiba.

Quando dei por mim, estava na parada do ônibus, esperando transporte para o centro da cidade. Desci na Avenida Brasil e caminhei ao léu. Deixei-me arrastar pela multidão, o carnaval engolia todos e vomitava-os nas ruas, vielas e becos de acesso à Marquês de Sapucaí. Enveredei pela 31 de Março, uma mulher gorda e risonha envolveu-me pela cintura, levantou minha máscara e marcou o meu rosto com um beijo que grudou batom, confete e paetês, enquanto soltava minha cintura e abraçava um cara alto e grisalho, que vestia uma camisa do Flamengo.

— Tudo é festa, meu amor! — gritou para mim a gorda, fazendo sinal de positivo. Lembrei que era terça-feira, dia da euforia desesperada correr contra o relógio e a desolação exausta das cinzas do dia seguinte e atirei-lhe um beijo.

Alguns metros à frente, avistei Wilma, mais bela do que nunca: olhos esgazeados de tesão e cerveja, descalça, bermuda curta e desfiada, marcando o corpo moreno de sol e flexível a todo o samba, blusa amarrada acima do umbigo. O mesmo rosto de doze anos atrás, até mais bonito pelo passar do tempo.

O imprevisível adentrava o previsível, enquanto eu olhava o antigo e obscuro objeto do meu desejo sambar sobre o asfalto, acompanhada de um cara branquelo, alto, sem camisa, braços fortes, troncudo e de pernas finas, tipo rato de academia de ginástica, quase parado, um sensaborão com aquela mulher ao seu alcance. Ele tentava cantar "A jardineira" em falsete de bêbado, mamando num litro de uísque com uma chupeta adaptada ao bocal da garrafa.

A minha memória passou o filme do tempo gostoso, das nossas brigas, reconciliações, sofrimentos e dúvidas, até o dia em que a verdade me abriu os olhos, depois de me fazer sofrer. Senti uma facada no cérebro, ao pensar na minha cela em Bangu, doze anos longe do mundo. Percebi-me espesso como um tijolo. A multidão a cantar "... Ô jardineira, por que estás tão triste...", e a dor revivesceu na minha alma, que até então suportara tudo. A orquestra atacou "Allah-Lá-Ô". Aproximei-me de Wilma. Olhei-a dentro dos olhos. Minha mão acariciou o seu rosto. O grandalhão se aproximou de cara feia, enquanto ela fazia sinal de positivo para ele. Minha faca visitou aquele corpo moreno, duas, três, quatro vezes, o sangue jorrou aos borbotões, o fortão abraçou o corpo lindo e agonizante da companheira sobre o asfalto. A multidão se afastou. Ergui a máscara e estendi as mãos para as algemas dos policiais que me deram voz de prisão. Ao longe, um vocalista rouco entoava a "Máscara Negra", de Zé Kéti.



A HISTÓRIA DE UM VIOLÃO TRISTE

Eduardo Emílio Maurell Müller Neto

Esta é a história de um violão triste. Das suas cordas se derramavam acordes igualmente tristonhos. O som saído de sua boca suportava toda a mágoa acumulada de uma "vida inteira que podia ter sido e que não foi", tal qual o verso de Manuel Bandeira. Seu desassossego tinha motivo, era um grito engasgado de desespero, uma refutação sonora ao destino musical indesejado que lhe tocara. Sua inconformidade teve início ainda na loja de instrumentos, antessala da vida sombria que lhe aguardava. O anseio de estar exposto ao lado de cavaquinhos, pandeiros, tantãs e tamborins não se concretizou, e o violão triste foi parar no corredor de guitarras e baixos elétricos, por onde somente circulavam roqueiros. Um descuido do vendedor pôs fim a sua verdadeira vocação de ser um violão de samba. A distância dos seus companheiros de ritmo selou seu destino. Tornou-se involuntariamente um violão de folk music e rock and roll.

A recordação do momento em que foi escolhido pelo seu dono, e retirado do suporte em que apoiava seu braço, lhe era até hoje muito precisa e comovente. O violão triste lembrava cada detalhe do fatídico encontro com sua sina rítmica. O garoto queria comprar uma guitarra elétrica. Tinha se apaixonado por uma vermelha que estava ao lado do violão triste. Guitarras são mais caras, e o rapaz não tinha dinheiro suficiente para adquiri-la. Ele estava determinado a levar algum instrumento. Foi quando o jovem ficou de frente ao instrumento. Jogou-lhe um

olhar entre desprezo e resignação, tocou de leve nas suas cordas de nylon. Tirou o violão do mostruário e o acomodou em sua perna direita, que estava apoiada em um banco de madeira. A lembrança mais dura, no entanto, foi a hora exata em que o violão se deu conta de que não seria sambista. Uma música de Bob Dylan atravessou os corredores da loja. Seu porvir estava fatalmente selado. Adeus, samba. Adeus, batucada. Adeus, carnaval.

O violão triste se acostumou ao destino musical a ele imposto. Bem se diga, algumas passagens prazerosas surgiram na sua trajetória roqueira, apesar de nitidamente ser um violão contrariado e entristecido. Sabia-se um bom instrumento, conhecia profundamente sua capacidade técnica, e via no jovem um músico esforçado. O que faltava a ele eram as referências corretas. Um Cartola, um Noel, um Adoniran. De tempo em tempo, o violão recordava do luthier que o construíra. Um homem obcecado por instrumentos de boa qualidade acústica e, sobretudo, pelo samba e suas histórias de luta e resistência para se afirmar como elemento essencial da cultura popular brasileira.

O violão triste tinha certeza de que fora projetado para ser o destaque em rodas de samba, como foram seus antepassados, também criados pelo luthier. O violão sabia que seus companheiros estavam em boas mãos. Diziam que havia um que vivia na casa de Paulinho da Viola. Que sorte, pensava o violão triste, enquanto executava mais uma canção de Peter, Paul and Mary. Ele recordava as histórias que o luthier contava em voz alta. O homem conversava com seus instrumentos enquanto trabalhava no acabamento. Ele se mostrava satisfeito pelo fato de o violão ser reconhecido como essencial ao samba e um símbolo da cultura nacional. O violão, naquela época ainda feliz, envaidecia-se. Seus ancestrais, contava o luthier ao violão, não tiveram tanta sorte e nas mãos de malandros habilidosos foram perseguidos pela polícia que os via como aparelhos de subversão e vadiagem. A desinformação, a estreiteza cultural e a truculência do aparato repressor oficial fizeram com que muitos violões de samba tivessem um fim trágico, destruídos a golpes de cacetete ou queimados em fogueiras acendidas ao lado de terreiros. Delegado Chico Palha, personagem do samba

de Tio Hélio e Nilton Campolino, representava com exatidão este tempo cruel que violões e sambistas enfrentaram. Contudo, o sofrimento sempre termina. Os violões ganharam os salões da sociedade, encantaram com suas notas musicais e melodias contagiantes os ouvidos dos que antes os repudiavam. Nessa virada de mesa, eles ganharam projeção e fizeram história. O violão triste imaginava que sua angústia também passaria e um novo tempo teria início em breve. Ledo engano. Seu sofrimento aumentaria ainda mais.

Houve um dia em que o jovem violeiro chegou em casa apressado. Ele carregava uma caixa. Havia ansiedade em seus olhos e suas mãos estavam trêmulas. Abriu o pacote com cuidado e de dentro dele tirou uma guitarra. Era linda, de cor vermelha, com cordas de aço, que refletiam a luz que entrava pela janela do quarto. O violão triste logo a reconheceu. Era sua antiga companheira de loja. O rapaz sentou-se na cama e ajeitou-a delicadamente em sua perna. Fazia movimentos cuidadosos. Pegou um cabo com um plug em cada ponta. Um deles colocou em uma saída na guitarra, o outro no amplificador que também trouxera para o quarto. Os acordes da guitarra vermelha eram fantásticos, limpos, redondos, pensou o violão triste, que acompanhava a cena encostado em uma parede perto do armário. Ainda preferia seu som, tirado com esmero das cordas de nylon que muito lhe orgulhavam ostentar.

Com o passar dos dias, o músico dedicava-se somente a tocar na guitarra nova, deixando o violão triste de lado, empoeirado e mudo. O violão resignara-se com o descaso do seu dono, e ali, no canto do quarto, assistia aos ensaios diários de rock e folk. Por um lado, ele estava aliviado de não precisar mais interpretar as músicas que em nada lhe agradavam; por outro, sentia-se abandonado. E na solidão buscava um novo significado para sua existência, ora transformado em um mero objeto decorativo.

As desgraças da vida nunca aparecem sozinhas. Foi em uma manhã de domingo que o violão triste percebeu o quão cruel poderia ser a sua história. Ao levantar-se depois de uma noitada de rock, seu dono o agarrou com desleixo. Em um primeiro momento, o violão imaginou que depois de passado tanto tempo,

ele voltaria a emitir notas musicais, mesmo sendo para tocar as velhas canções de *folk music*. Carregado pelo braço, ele foi retirado do quarto, e depois da casa. Entrou pela garagem e ali foi colocado de qualquer maneira em um fundo de armário. Ao seu lado, uma vassoura velha e um balde de metal oxidado. Em seguida, a porta foi fechada e restou a ele somente a escuridão. O violão lembrava a todo momento dos seus antepassados perseguidos pela polícia, e muitas vezes desejou ser destruído de uma vez por todas. Um fim mais digno do que o encarceramento humilhante a que fora submetido. Delegado Chico Palha, "sem alma e sem coração" parecia até um bom sujeito se comparado ao seu dono, que lhe confinara ao lado de uma vassoura velha e um balde em um armário empoeirado. Os cupins, que antes alimentavam-se do cabo de vassoura, passaram a devorá-lo lentamente. Uma crueldade adicional a já dura pena que o violão cumpria sem saber o porquê. O esquecimento e o descaso eram seus novos companheiros fiéis. E o armário sua cova e caixão.

Alguns anos se passaram, e numa certa tarde, a porta do armário se abriu. A luz penetrou e desnudou um violão carcomido pela passagem do tempo e pela falta de manutenção. Suas cordas estavam soltas por causa da oxidação das tarraxas. O violão triste não reconheceu quem estava diante dele. Tratava-se de uma mulher. Ela o pegou desajeitada. Não tinha intimidade com o instrumento. Saiu com ele para a rua e o colocou ao lado de sacos de lixo. Apoiou seu braço em um poste de luz na calçada e voltou para dentro da casa. Ali, o violão permaneceu por horas. De tempo em tempo, a mulher voltava até a calçada e deixava mais sacolas plásticas e outras quinquilharias junto ao violão. A vassoura velha trabalhava duro a varrer o quintal. Quando terminado o trabalho, ela também foi apoiada ao lado do violão, no poste de luz. Uma chuva fina caía e molhava o corpo de madeira do violão triste. A agonia do abandono e do desconhecimento sobre seu futuro o afligia. Lembrava da guitarra vermelha. Duvidava que ela tivesse um fim igual ao seu. Deveria estar em shows de rock, sendo aplaudida por jovens entusiasmados, enquanto ele agonizava em uma calçada à espera de um desfecho que parecia ser nada digno.

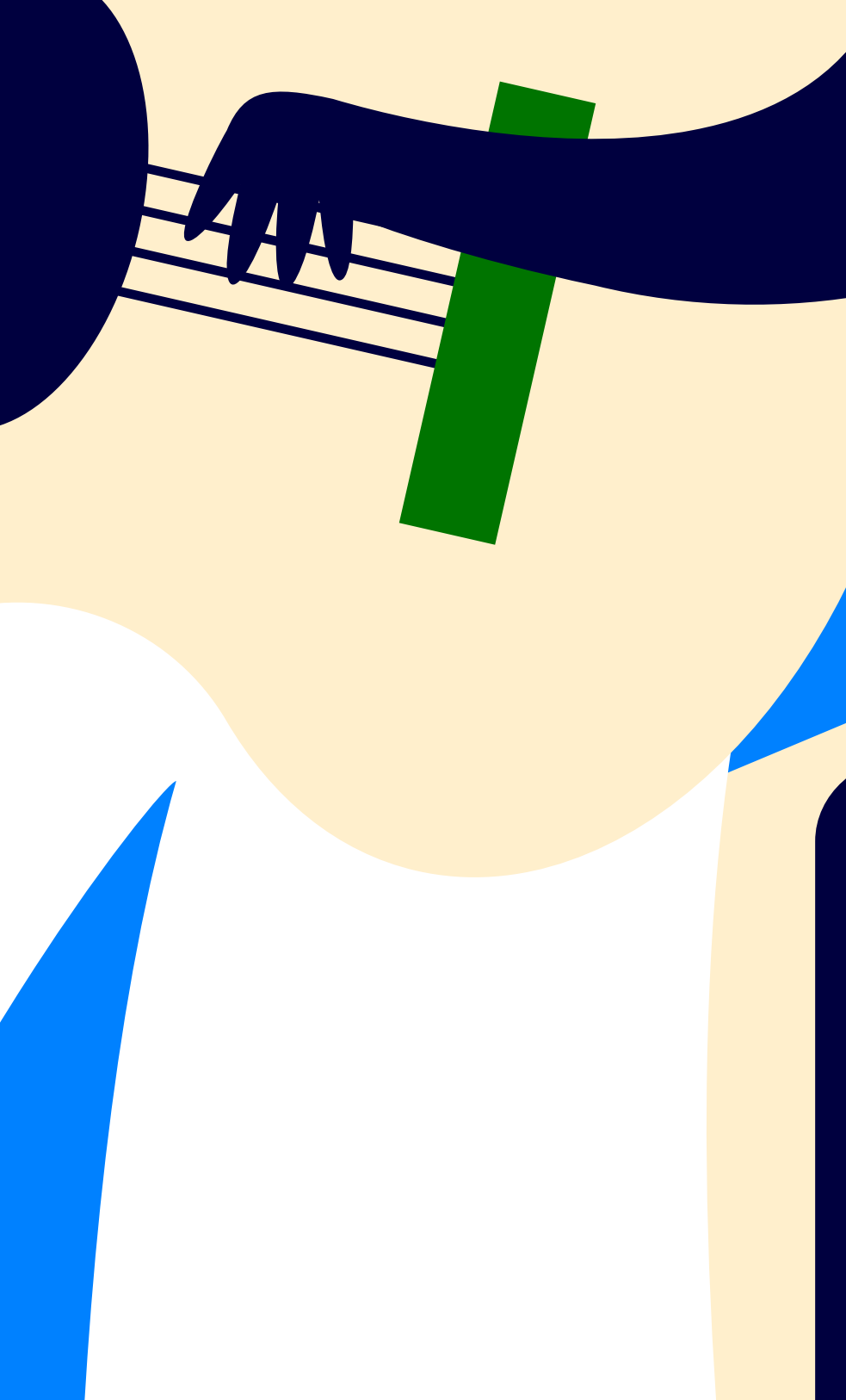
Um som de motor espalhou-se pelo ar. Um caminhão de lixo dobrou a esquina, seguido de perto por garis que corriam carregando sacos plásticos. Ao chegarem junto ao poste em que estava o violão, os lixeiros pegaram rapidamente as sacolas e caixas e as jogaram na parte de trás do veículo para serem compactadas. Depois agarraram a vassoura e o violão triste. Ele percebeu que chegara seu momento final. Pensou no velho samba de Zé Keti: "e a gente morre sem querer morrer". Primeiro foi arremessada a vassoura que rapidamente se quebrou pela pressão da máquina compressora. Quando um dos lixeiros fez menção de atirar o violão triste, seu colega o conteve e tomou o instrumento das suas mãos. O lixeiro colocou o violão triste na cabine do caminhão e pediu ao motorista que cuidasse dele.

No final do expediente, o lixeiro pegou o violão triste e levou-o para casa, deixando-o em um canto na sala. Ali, ele permaneceu por alguns dias. A agonia pela incerteza do seu futuro aumentava ainda mais sua tristeza. No domingo de manhã, o lixeiro aproximou-se do violão. Trazia consigo uma sacola com apetrechos e ferramentas. Ajeitou cuidadosamente o violão triste em seu colo. Retirou-lhe as cordas velhas e as tarraxas oxidadas. Desempenou o instrumento e passou-lhe uma camada de verniz sobre o corpo carcomido. Deixou-o por alguns dias secando. Retornou com cordas e tarraxas novas. Colocou-as no braço e atravessou até o cavalete. Tratava com carinho o instrumento. O lixeiro sentou-se em uma cadeira de madeira e trouxe junto ao peito o violão. Aproximou seu ouvido das cordas e passou a afiná-las, apertando e soltando com precisão cada tarraxa. Quando alcançou o tom desejado, o lixeiro passou a dedilhar o violão. Nessa hora, ele — o violão triste — não conteve sua emoção. Conhecia bem aquela melodia. Era Paulinho da Viola. O violão deixou-se levar pela música, um samba triste, e derramava no ar, satisfeito, as notas musicais apertadas em suas cordas. De repente, o homem parou de tocar. Deixou o violão no sofá e foi até o quarto. Um instante depois, retornou com uma sacola. Pôs o violão dentro dela e fechou-a.

A escuridão fez-se novamente e o violão voltou a ficar tristonho. Teria sido somente um instante de alegria em sua vida amarga? Perguntava-se. Ele percebeu que o homem o carregava

para algum lugar. Movimentou-se sem parar por quase uma hora. Enfim, parou e ainda preso ao ambiente sem luz, sentiu que tinha sido colocado em um apoio. Seria novamente em um poste? Não sabia. O violão escutava vozes vindas do lado de fora da sacola. O que estariam planejando? Estava aflito. Sua trajetória passada lhe dava razão para duvidar da bondade dos homens. Abandonavam seus instrumentos ao bel prazer, quando não mais os satisfaziam, e lhes trocavam por um mais novo. Não havia uma relação de confiança, de afeto, somente uma relação mecânica entre músico e violão.

O homem abriu a sacola e retirou o violão de dentro dela. Sentou-se em um banco e o ajeitou em sua perna. Ao redor, outros homens e mulheres já estavam sentados. Carregavam com eles outros instrumentos. Pandeiro, cuíca, tamborim, cavaquinho e tantã. Não era possível! A felicidade, enfim, chegara à vida do violão triste, e ele faria sua estreia em uma roda de samba. Seu desejo estava concretizado. O cavaquinho lhe saudou em ré maior. O violão triste respondeu no tom. Os demais instrumentos, em coro, lhe deram as boas-vindas. O samba estava animado e toda gente sambava contente. Não havia mais tristeza, nem ilusão. Havia somente um violão alegre que deixava ecoar sua felicidade em notas musicais de um samba sincopado.



VAI COMO PODE, PORTELA

Luiz Claudio Machado de Santana

Estavam tomando umas e outras, no Bar do Nazinho, esperando Nicanor, que havia marcado uma reunião urgente com seus companheiros de samba. Quando ele chegou, estava meio triste e irritado.

— Salve, meu presidente! — saudou Rufino — Senta aí e toma uma bem gelada com a gente. Tá um calor que até o diabo reclama.

Nicanor acenou com a mão, puxou uma cadeira, colocou-a com a cabeceira virada ao contrário, sentou-se, segurando o encosto, e disse que tinha notícia ruim:

— Rapazes, temos que fazer mudanças.

— Mudança de quê? — indagou Rufino.

— Vamos ter que mudar o nome da escola.

— Espera aí! Mudar de nome? Mas a gente já não mudou de nome? Vamos mudar outra vez? — questionou Manoel.

— Vossa Senhoria pode me explicar por quê? Ou é segredo de Estado?

— Rufino, o pessoal da Delegacia de Costumes e Diversão informou que não vai dar o alvará de licença como grêmio recreativo para a nossa escola desfilar no carnaval desse ano.

— Não?

— Não. O delegado responsável pelo despacho do documento, um tal de doutor Dulcídio Gonçalves, considerou o nome "Vai como Pode" um nome pornográfico para uma escola de samba. Aí disse, com todas as letras, que só vai dar o alvará se a gente mudar de nome.

— Que cretino!

— Mas, presidente, só faltam dois dias para os desfiles! — esbravejou Natal.

— E nós já desfilamos com esse nome no ano passado — completou um dos sambistas presentes.

— É um comunista branquelo.

— Cuidado, Nicanor. Cuidado. Não fala assim, não, que as paredes podem ter ouvidos. Você é preto. Se ele sabe que você falou isso, ele te mete na cadeia e joga fora as chaves pra ninguém encontrar.

— Pois é comunista, sim, e eu falo do jeito que quiser. Tá com raiva porque o golpe comunista falhou. Aqueles badernistas! A Intentona, como os noticiários gostam de dizer, fracassou em todo o país. Agora tem que prender todo mundo, inclusive aquele delegadozinho de terceira categoria!

Houve um pouco de silêncio. Estavam enraivecidos e pensativos. Sabiam que o presidente da escola, quando se irritava, não media as palavras. Então, calaram-se: o homem estava à beira de um colapso e não convinha alimentar sua irritação para não consumar um dano maior.

Profundo conhecedor dos clientes que frequentavam seu bar, Nazinho trouxe um copo e outra cerveja. Abriu-a. O som da espuma, escorrendo pela borda do copo, sossegou um pouco os ânimos.

O fato é que a Vai como Pode fizera um desfile arrebatador no ano anterior. “O samba dominando o mundo”, título do samba da escola, fez grande sucesso no desfile e ela foi campeã. Isso despertou certo ciúme e inveja nas adversárias, principalmente a Mangueira, campeã indiscutível das três primeiras edições anteriores do carnaval do Rio de Janeiro.

— Estão com medo que a gente ganhe novamente! Patifes!

— Tremeram porque usamos alegoria no desfile do ano passado e os comentários elogiaram nossa audácia.

— Nosso globo terrestre vai entrar para a história. Estou vendo até o futuro. Daqui a cem anos vão dizer que a Vai como Pode foi a primeira escola de samba a usar alegoria no carnaval.

Novo silêncio. Foi Natal que murmurou, balançando a cabeça, em um sinal misto de negação e decepção:

— Um nome indecente! Não estou acreditando.

— É marcação com a Vai como Pode. Eu falei que aquela alegoria do Caetano ia despertar inveja.

— Tem muito mais coisa indecente por aí e ninguém reclama de nada — desabafou Nicanor, em vão, agora um pouco mais calmo.

— Verdade.

— Não vê o Noel, por exemplo? Andou cantando por aí que a mulher é indigesta e "merece um tijolo na testa". Ninguém dá um pio sobre isso. Dar uma tijolada na testa da mulher? É o que eu digo: Noel é branco, não é?

— O Lamartine também cantou "o teu cabelo não nega, mulata... mas como a cor não pega, mulata, mulata eu quero o teu amor" — ilustrou Rufino, cantarolando a música bem conhecida do carnaval — O cara só quer o amor da mulata porque a cor dela não pega? É um acinte com a cor das nossas mulheres — completou.

— É outro branco — reprovou o presidente.

— A Dodô não gosta dessa marchinha, não — Manoel se lembrou de sua jovem companheira, porta-bandeira da escola.

— Mas ela faz sucesso. E que sucesso! O povo canta e gosta, ainda mais nessa época. No outro dia, ele cantou essa música na Rádio Mayrink Veiga. Na Mayrink, meu irmão!

— A Dodô diz que, se um namorado dela disser isso pra ela, ele leva um passa-fora bonitinho.

— Ela está certa. É o que eu digo, rapazes: nesse país, o negro vai levar muito tempo para ser reconhecido. Se for sambista e negro, então... é tudo vagabundo para eles. Se a gente não fizer como a Dodô diz, a gente nunca vai ser respeitado.

— Proclamaram uma nova Constituição, mas não falaram nada sobre esses ultrajes. Ficamos do mesmo jeito: sem lei e sem respeito.

— Nem o Departamento de Imprensa e Propaganda controla essas ofensas. Tinha que controlar, levar todo mundo em cana.

Ao ouvir as palavras dos companheiros de samba, Nicanor se emocionou. Para não demonstrar sentimentalismos, apelou ao trivial de qualquer homem em uma mesa de bar:

— Nazinho!

De onde estava, o amigo olhou-o atentamente.

— Traz mais duas aí e senta aqui para tomar com a gente, porque você também faz parte da reunião!

O dono do boteco trouxe três cervejas, puxou uma cadeira que estava em uma mesa próxima. Sentou-se, sorridente. Disse, mostrando a terceira garrafa:

— Essa aqui é por conta da casa.

— Bendito seja, Nazinho — elogiou Nicanor.

— Você acha que o tal delegado tá mesmo de marcação com a gente, presidente?

— Não sei, Rufino. Não posso afirmar nada, mas que essa ideia de mudar de nome parece esquisita, parece.

— E como é que vamos escolher um nome a uma hora dessa? O carnaval já chegou. Está tudo pronto. Não podemos jogar as fantasias fora!

— E como vamos falar com o povo que não vamos desfilar?

— Vai ser de arrebentar o coração de qualquer um.

— O negócio é a gente escolher um nome e depois contar.

— O pior é que o desgraçado do delegado já sugeriu até um nome pra "adiantar o expediente", como ele falou — disse Nicanor.

— Tá! E qual foi o nome que o digníssimo safado sugeriu?

— Portela!

— Portela?

— Disse que era em homenagem à rua mais importante de Madureira e que ninguém ia reclamar.

— Não vai reclamar porque, com nome novo ou velho, o povo quer sambar, esquecer os problemas do ano inteiro!

— É. Porque pobre só tem alegria mesmo durante esses dias de folia.

— Portela! Até que o nome é simpático.

— Também achei — concordou o presidente — mesmo discordando da troca do nome.

— Seja o que Deus quiser, Nicanor. No momento, não temos solução: ou mudamos ou não desfilamos. Não é isso?

— Infelizmente, é o que temos.

— Bem, então seja feita a vossa vontade! Ou melhor: a vontade do delegado!

Nazinho abriu as três garrafas. Começou a encher os copos. A espuma voltou a encantar os sambistas. Desceu mágica, entoando seu sussurro e aguçando a sede de todos.

Lentamente, desfrutaram aquele sabor meio amargo da cerveja, que, paradoxalmente, adoçava a vida deles.

— Bem, alguém discorda do novo nome para a escola? — questionou o presidente. Ninguém se opôs à ideia.

— Então, nossa escola passa a se chamar Portela. Queira Deus que, um dia, o público saiba o que aconteceu e que esse nome não seja recusado.

— Assim seja, Nicanor.

Foi Manoel que propôs um brinde pela Vai como Pode, Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela a partir daquele momento. Puseram-se a batucar na mesa e em caixinhas de fósforo.

Cantaram o samba daquele ano:

> "Cidade, quem te fala é um sambista
> anteprojeto de artista,
> seu grande admirador.
>
> Te confesso boquiaberto:
> de manhã, quando desperto,
> com tamanho esplendor.
>
> Quando noto o infinito,
> apresenta tão bonito
> trajando o azul-anil".



NÉVOAS DA ALEGRIA

Antonio Coutinho

Espumas do delírio, cerveja e outros mares, no meio da alegria, eu, perdido na algazarra sonora, Imperatriz festeja na praça, ópera bufa, sem o requinte das escolas de samba da televisão, nossos carnavais, outra cadência, curvatura estranha dos dias, a Mocidade Alegre, o Clube do Marquês, os confetes caem de um baixo céu. Não é o maná, mas alimenta a felicidade que não entendo nem vivencio. Cabelos caleidoscópicos, brilho que não atinge o breu de minhas cavernas alegóricas, como umedecer esse incômodo deserto de riso, pergunto sem resposta. A Praça Tiradentes é o palco dessa explosão contente, antes não era o camelódromo, uma infinidade de vozes ébrias, felizes na brevidade dos dias, poucos, que se têm para fantasiar a vida comum árdua de trabalho.

Nunca imaginei ver uma escola de samba de verdade como vejo agora. Ela não está completa, nem aqui é a avenida. Saio da pensão de dona Bete, essa figura simpática e atenciosa que nos recebe durante o mês de estudos, vou para a calçada inclinada da rua Apiacás, o jardim espesso da pensão cortina o olhar da via, alamandas, margaridas, alpínias, espadas-de-são-jorge e arecas-bambus, muitas, uma doméstica selva floral. Os ritmistas estão chegando, duas passistas, oito baianas, o mestre-sala e a porta-bandeira com os paramentos básicos, sem a pompa toda do sambódromo, apenas uma apresentação na quermesse da igreja de Santa Rosa de Lima, que faz fronteira com a pensão. Fé e dança, nem é fevereiro, agosto, vinte e três, o mês da padroeira, tua pose de princesa, de onde você tirou.

Nessa cartografia de contornos imprecisos, em rodopios frenéticos, Imperatriz, Teresina e São Paulo sambam nesse asfalto aéreo, os sons se misturam, batuques de lembranças me atravessam, onze anos, oito, trinta e cinco. A Praça Tiradentes apinhada. A mãe junto, os irmãos, os primos, duas tias solteiras, duas vizinhas e seus filhos, o pai não veio, está preso a duas quadras daqui, jardineira por que estás tão triste, os passos perdidos, quase não vejo meus pés, nossos carnavais padecem do glamour que imaginamos ter em outros lugares. Imperatriz é essa Veneza esquecida nas margens do Tocantins, suas avenidas estreitas não têm a largura para uma escola de samba inundar de colorido nosso olhar, também falta dinheiro, a riqueza aqui corre em outras mãos, não temos favelas, morros, apenas o esquecimento da periferia com seus riachos tortos em direção ao rio, há também os alagamentos, os entulhos sem endereço, adereços do descaso da gente toda, a falta de cuidados, os surdos da bateria nas sombras das sobras das verbas.

Em vez de ficar em casa lamuriando o marido preso, o casamento em equilíbrio raso, cinco filhos para criar, a mãe vestiu a fantasia da felicidade que não possui, imagino isso hoje, não consigo precisar o de dentro materno, o de ninguém, nem o meu, esses corredores sinuosos, móveis e escondidos por onde desfilo todos os dias, ela nos trouxe para a praça. O povo canta, fantasias improvisadas com as sobras de roupas esquecidas nas gavetas, uma blusa velha, alguma camisa de propaganda de loja ou de político, pano cortado em tiras verticais até a metade, bermudas jeans desfiadas nas pernas, glitter nos rostos suados, as torneiras de regar os canteiros molham a festa, as pessoas pintadas de branco, talco e maisena, névoa da alegria. A Mocidade Alegre, uma parte dela, se prepara para a apresentação na festa das nações, nome que dão a essa quermesse. A prefeitura de São Paulo fechou a rua no final de semana para o festejo. Miriam suspendeu também os estudos, hoje é domingo, as atividades do mestrado podem esperar, ninguém moverá a PUC do alto do Monte Alegre. A proximidade de uma escola de samba de verdade, mesmo que apenas uma parcela, se torna irresistível. Barracas de comidas típicas espalhadas ao longo do quarteirão, um palco muito alto se equilibra no declive da

rua, Perdizes se perde das penas diárias, celebra, abre as asas, a alegoria de Ícaro tem limite e prazo de validade, o sol da segunda-feira é sua quarta-feira de cinzas.

Não entendo essa forma de diversão à base de talco e maisena, a mãe manda que eu me alegre, que pule, não sei dançar, quase não me movo, tenho chumbo nos ossos, isso não é de hoje, a matinê de carnaval no Clube do Marquês aquece mais ainda Teresina, meu irmão e eu parados, fantasiados pela mãe, a tia Cacá nos trouxe, ela briga nos mandando aproveitar a festa, falando alto para ser ouvida no meio da balbúrdia, nos chama de abestados, quase nos empurra para o meio do salão, sua zanga é carinho, talvez tenha pena de nossa pasmaceira carnavalesca, ela também quer se divertir, pular sua juventude, Fred se resolve e vai, eu fico como se posasse para um pintor invisível, Monalisa é mais festiva que eu, drag enigmática, a mãe também grita que eu me mexa, nem os clássicos dois dedinhos para cima ensaio, uma ruma de gente ao nosso redor, não consigo navegar com esses pés inábeis para a folia, eles não sabem pular, se prendem equinos ao chão de cimento, o filho da vizinha me puxa o braço, Toinho e eu somos lançados no meio dos foliões mais exacerbados, ciranda de centauros eufóricos, o pó branco no lugar da serpentina, a Mocidade Alegre entra depois da apresentação das galopeiras paraguaias, a festa consiste em danças típicas de países vários, teve a tarantela, a cigana com castanholas, tango, anunciam um cover de Elvis Presley que foi premiado num festival em Memphis, o Brasil é o samba, o maestro da bateria em posição de comando como se diante de uma filarmônica, de uma certa forma é, os primeiros batuques surgem feito o abrir de um buquê de cores múltiplas. O pai está preso porque bebeu o dinheiro dos vencedores das apostas.

Vingativa e hilária, a mãe aponta na direção da delegacia, o pai de vocês está preso ali, sua alegria é quase um choro, flor meio desbotada, gritamos maldosos e inocentes em coro, o papai está preso, eba, o papai está preso, samba-enredo composto à revelia de nossas filiais partituras, parece até que é sua fantasia, o presidiário, em homenagem aos irmãos Metralha, logo mais ele chega, só que não, a ciranda de centauros grita, tropel

de batalha festiva, um deles passa e joga uma quantidade absurda de maisena em nossos olhos, Toinho e eu ficamos cegos, tirésias sem profecia e sem guia, a cegueira breve e intensa abre a porta para outros vagidos, os sons se agigantam, impossível abrir a vista, anunciaram e garantiram que o mundo ia se acabar, mas ele continua pulsando, o povo da quermesse sorve o início da batucada.

Na cegueira da maisena, sinto mais intensamente as marchinhas que fazem o povo delirar, abre alas que eu quero passar, mas não me movo, não sei se arredam caminho, garrafa cheia eu não quero ver sobrar, saca saca saca-rolhas, os centauros me cegaram com suas flechas ébrias, Sansão sem nenhuma força, cego aos pés de Babel, sem a crença de Bartimeu para gritar mais que a turba, o pai trabalha numa loteria, faz jogo do bicho, passa janeiro sóbrio, a proximidade do carnaval deve ter chamado a bebida de novo, pega todo o dinheiro das apostas, some, não se sabe qual é o paradeiro, talvez na Farra Velha, putas e muita cachaça, chega só os loros em casa depois de uma semana, o patrão teve que pagar, com o próprio dinheiro, os ganhadores do bicho, tinha dado cavalo na cabeça, aciona a polícia, mas que calor, as águas vão rolar, os guardas entram em casa, levam, não vemos, estamos na escola, a mãe diz que ele está viajando, no meio da alegria a verdade vem, Miriam, mesmo desengonçada, ensaia os passos, o samba invade a Apiacás, as vibrações do som percorrem minhas veias, continuo com pés equinos, cascos pesados, mas me entrego ao momento por inteiro de dentro, eu sambo em mim, sapateio nas minhas avenidas internas, sem nenhuma assistência, arquibancadas vazias, do luxo do camarote deserto me observo, quase choro de emoção, tenho raízes ancestrais em algum lugar, elas não gostam de sol, germinei para dentro, tenho flores escondidas, alegre na retenção de gestos, um véu espesso encobre a minha comissão de frente.

Os olhos ardem com a maisena dos centauros, o som das marchinhas parece maior sem a visão, sentidos concentrados exacerbam as coisas, a vista dispersa, os ouvidos longe, a mãe e os outros afogados na montoeira de gente, o pai está preso porque não resistiu ao seu apelo desesperado, homem de

blecautes, é o primeiro este, mas ele vai nos acostumar aos adereços desses ciclos, caseiro na sobriedade, desaparecido na bebedeira, entre as bacantes rodadas dos cabarés da rua Paissandu até gastar o último centavo, depois se joga nos botecos do Mafuá, fica quase um mês fora de casa, semelha um mendigo do mercado Augusto Ferro, homem de fantasias autênticas, talvez com vergonha de não conseguir resistir, alguém sempre tem que ir buscá-lo, volta sujo, acabado, os pés rachados nos calcanhares, barba desgrenhada, os olhos no chão, o cheiro do álcool impregnado na pele, o suor como perfume precário, fantasiado de tristeza genuína, nem parece o mesmo Sidônio que tinha saído limpo e asseado, pasta debaixo do braço com os bilhetes de loteria, esferográficas azuis e cadernetas do jogo do bicho, a gente pena fome e ausência, a mãe monta alegorias e segue o ritmo confuso dos dias, a Mocidade Alegre expande os acordes, a quermesse dança, as passistas requebram, me intriga tanto equilíbrio nestes saltos altos, não olho as ancas que devem ser lindas nos minúsculos biquinis brilhosos, me atraem os braços fortes dos moços ritmistas, o feitio dos rostos masculinos, o suor do androceu, as baianas giram, orixás visitam a festa católica, imagino despautérios, um carnaval de delírio santo, Rosa de Lima, sem os paramentos sagrados, abandona o altar, abre a porta da igreja, desce prazenteira a escadaria pelo lado esquerdo, pés no chão, samba no asfalto, Maria deixa o menino no consolo da manjedoura e cai na festa, Sebastião, mesmo flechado, rodopia feliz o corpo branco e despido, Jorge com o dragão pisoteado por seu cavalo desfila como carro alegórico, em vez da lança, ele tem arco e flecha, é um centauro lunar, vibrante, Francisco de Assis, valente, segue o cordão sem nenhuma humildade, sem pobreza nos gestos fartos, o bloco desce a rua e desaparece na avenida Sumaré, apoteose da imaginação.

A maisena arde, ensaio a cegueira sem o leitoso das vistas, o pai não vestiu nenhuma camisa listrada, mas saiu por aí, mundo afora. Três anos depois, de volta a Teresina, muitos sumiços e retornos, ciranda etílica, pai pródigo, nós sem conseguirmos celebrar tantas idas e vindas, os centauros urram a felicidade desta terça-feira antes de se penitenciarem nas cinzas de

amanhã, mesmo dia em que o pai é solto, quaresma para purgar a vergonha, ele ouve calado, incapaz de se defender, o costumeiro sermão gritado da mãe, as vozes explosivas dos cantores da Mocidade ribombam como trovões os versos do samba-enredo deste ano, a mãe descobre que ele tem outra na cidade próxima onde está trabalhando, dá o ultimato, escolher uma ou outra com os filhos, volta, depois diz que vai buscar o restante das coisas, nunca mais visto, Toinho me puxa a mão em busca de uma torneira, vem Sid, prefiro o diminutivo do nome, uma máscara, o mesmo do pai, refuto essa identidade de vaguidão, há uma obrigação de amor que não consigo corresponder, rejeito o espelho do chamamento, nos agachamos num canteiro, pisoteamos a grama rala, juventude cavalar, o som da água escorrendo se mistura com os acordes musicais, enfiamos a mão em forma de concha na torrente, mergulho os olhos míopes na palma, precisa mais, o gesto se repete em sucessão, as baianas giram suas longas saias brancas, o suor escorre das costas das passistas e dos rostos dos ritmistas, consigo abrir os olhos, não lembro da partida do pai, porque havia a promessa de retorno, não deixa manto, anel nem o novilho da esperança.

Os olhos, aos poucos, se acostumaram a enxergar novamente, amanhã os centauros voltarão a ser os mesmos mansos cordeiros sem nome, apagados no abate diário das lidas, também as passistas, os ritmistas, as baianas, os cantores, donas de casa, balconistas, babás, domésticas, estivadores, motoristas, entregadores, ambulantes, desempregados sofrendo os abusos da burocracia, as vontades aleatórias do governo, o carnaval rompe as agruras em tênue véu, o pai não se despede, só diz tchau como quem retorna, talvez nem ele saiba que fica no longe distante, o tempo ensina as partidas definitivas, mas antes tem a espera, o não saber se a ausência é um limiar entre o estar e o não.

Os olhos estão vermelhos, a embriaguez da maisena, a quermesse esquece que a festa é santa, todos sambam na frente da igreja, brasas brotam da bateria, o estrondo de mil trovões, a tropa alegre atravessa a praça pra cá e pra lá, o pai na prisão, o bloco dos garis espera o fim da algazarra, a multidão tenta segurar o encanto antes dele se desfazer, o mundo passa por

mim todos os dias, portas invisíveis, atravesso várias vezes a mesma ponte, pego carona nesse rodopio frenético, forma de ficar mesmo indo, expansão de tudo, a dor e a alegria sapateiam inseparáveis, com estandartes e muito brilho, quase se confundem.



2001 2026
25 ANIVERSARIO
CENTRO DE ESTUDIOS BRASILEÑOS

VNiVERSiDAD D SALAMANCA

fundación cultural hispano brasileña